

Paulo Tiago Akio Ogura

# Violência

# Violência

Dos mitos gregos às Histórias em quadrinhos

Faculdade de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

Paulo Tiago Akio Ogura

# Violência

# Violência

Dos mitos gregos às Histórias em quadrinhos

Trabalho de conclusão de curso  
Trabalho teórico em Psicanálise  
Orientador: Regina Fabbrini

Faculdade de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

# Agradecimento:

Agradeço a todos que passaram pela minha vida durante os últimos cinco anos, por terem trocado experiências, conversado, me angustiado, me ajudado a encontrar um caminho possível. Àqueles que me incentivaram a continuar e àqueles que colocaram pedras para que eu pudesse pensar sobre o assunto.

À todas as tribos de amigos e colegas, que sem elas ao lado, seria impossível a conclusão deste trabalho.

Obrigado.

“O mundo estava agora diante de mim.  
Mas para onde eu poderia ir?  
Aonde quer que fosse, seria repellido e  
Massacrado. E então me  
Lembrei de você.”  
(Mary Shelley – Franskenstein)

## Resumo:

Este trabalho propõe-se a discutir as questões relacionadas com a violência, que permeiam o cotidiano de todos, e por vezes, não se sabe, ou identifica quem é o agressor e quem é o agredido. Ao falar de violência, todos pensam em violências hediondas, o que é um dos pontos tratados aqui. Preferencialmente foi dado foco para as ações do dia-a-dia, aquelas para as quais normalmente se fecha os olhos, para não se entrar em contato, pois exige muita energia para, realmente, entendê-la.

Pretende-se provocar aqueles que querem se voltar e doar um pouco de seu tempo para significá-la, justamente para não nos deixarmos petrificar. Ou, por não darmos o devido valor à incidência da mesma sobre nós, assim produzindo ações automatizadas, ou por nunca terem sido conscientizadas. Para esta análise serão usados os mitos gregos, histórias em quadrinhos, contos de fadas, acontecimentos vinculados pelos meios de comunicação e outros.

# INDICE

Apresentação	7
Introdução Histórico das HQ's	12
Capítulo I – Violência: definição e conceitos	21
I.1 - Mitologia! Uma primeira articulação possível sobre a violência	22
Capitulo II - Algumas possíveis tematizações sobre a violência	29
Capitulo III - Era uma vez: As Histórias	36
Capitulo IV - Heróis para quê?	49
Capitulo V - Arte ou um ato de crueldade	55
V.1 - Violência como humor	57
Capitulo VI -Rituais	61
VI.1 - O mundo dos sonhos	63
Capitulo VII - Mídia e Violência	67
VII.1 - A violência está aonde? No adulto, ou nas coisas?	69
Conclusão	71
Bibliografia	79

## Apresentação:

Este trabalho passou por muitos lugares, teve início há dois anos atrás, enquanto eu estava no quarto ano da faculdade de Psicologia da PUC, e, por motivos de ordem pessoal, resolvi dar um tempo antes de finalizar o curso.

Tentei ficar um ano distante de qualquer assunto ligado a psicologia, o que percebi ser impossível, pois ela já faz parte de mim. Fiquei atento as questões que estavam presentes na idéia inicial do trabalho. Visitei alguns lugares que poderiam ter algo de interessante para acrescentar ao trabalho. Tive momentos em que gostaria de falar sobre outros assuntos. Para ser sincero, não tinha muita idéia de como concretizaria o trabalho.

O texto é de cunho reflexivo e recorri a teoria assim que necessário.

Minha questão primeira era analisar as histórias em quadrinhos, porém, com o decorrer do texto, fui percebendo que eu me utilizei deles para dizer como a violência ali está presente. O porquê das histórias em quadrinhos é que elas fizeram parte de minha infância e adolescência. Muitas vezes, elas são relacionadas apenas com a infância. Além do mais, quanto a este tema não há muita coisa escrita na área de psicologia. Isto também me chamou a atenção.

De início, eu tinha em mente, apenas analisar um HQ chamado *Sandman*, que conta as peripécias do senhor dos sonhos, criado por Neil Gaiman, porém logo percebi que teria que andar por outros caminhos, antes de chegar, de fato, nele.

A questão primeira que me veio e que pretendia, até o final deste trabalho, responder era: O que a psicologia tem a dizer sobre as HQ's? Essa pergunta é iniciada ao começar a ler o livro *Psicologia e História em Quadrinhos*, de Francisco B. Assumpção Jr. O livro faz umas análises muito interessantes.

Como chegar no *Sandman* especificamente, ficava a pensar. Com o desenvolver do trabalho, fui percebendo que teria de andar por outros caminhos, pois eu comecei a sentir que não sabia o real motivo para querer analisar o mesmo. O único motivo aparente era que ele tinha muita presença na minha vida, sempre gostei de ler suas histórias, mas igualmente nunca me considerei um leitor fanático. Deixei de lado um pouco esta questão pois me sentia paralisado, sem saída.

Passei a deixar fluir as questões que me vinham, com as leituras sugeridas. Ao perceber os caminhos que eu estava trilhando, vi que a violência era muito mais o caminho do trabalho, que o próprio quadrinho.

Outra crise sobreveio; me senti traíndo o primeiro propósito: eu também tinha traído os quadrinhos. Parecia um caminho sem volta, porém, não estava percebendo que o trabalho estava, na verdade, caminhando para chegar a questões de extrema importância. Iniciando-se

pelos gregos, com as questões da violência, e, mais à frente, fazendo uma conexão com os heróis em quadrinhos.

O que parecia perdido, estava ressurgindo em outros lugares, estava voltando a fazer sentido para o trabalho. Foi importante andar por outros caminhos, para encontrar novamente o propósito inicial que não era mais falar de *Sandman* (Neil Gaiman) apenas, mas também das personagens da turma da Mônica (Maurício de Souza).

Estava se ampliando o trabalho; agora tinha que chegar nos dois, mas por um tempo os deixei de lado para ver como poderia encaixá-los num segundo momento.

Além disso tudo, há dois anos, tinha a intenção de falar um pouco sobre cultura de massa, mas com o decorrer do tempo, esta questão não ficou tão essencial para o trabalho, apesar de ambos serem parte da cultura de massa e de eu falar um pouco sobre a mídia no desenvolver do trabalho.

Antes de dar continuidade ao mesmo, deve-se entender o que é cultura de massa, pois as Histórias em quadrinhos estão dentro desta qualificação.

Então, o que é cultura de massa? Qual seria a sua definição? Senti necessidade de responder também a esta questão. Meu intuito não é me aprofundar muito neste assunto, mas falar de algumas figuras importantes deste meio, entre eles: *Henry Ford*, criador da produção em série, *Andy Warhol*, um dos precursores da pop art, *Theodor Adorno*, crítico assíduo da comunicação de massa. Isto dará uma idéia do que é a cultura de massa.

Uma definição encontrada na enciclopédia livre Wikipédia é: “*chama-se de Cultura de Massa toda cultura produzida para as massas -- a despeito de heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas -- e veiculada pelos meios de Comunicação de Massa”.*

A cultura de massa permite que haja diversidade de sentidos comuns, que permeia uma sociedade de uma determinada época.

A cultura de massa é importante para o restante do trabalho, pois os quadrinhos estão totalmente mergulhados, eles os são. Além de falar sobre esta cultura de massa, falarei um pouco de outra cultura de massa, que é a mídia em geral, sendo que a consideramos “abusadora”, ela violenta muitas pessoas e o pior, nunca relacionamos nossa sensação ruim com a maneira como as informações são passada.

Penso que deveria ter desenvolvido mais este tema, porém, ele não é o foco do trabalho.

Ao estudar sobre o que havia de importante publicado sobre as histórias em quadrinho, descobri que ela já influenciou muitas artes, como descrito no Vídeo passado na TV Cultura *História em quadrinhos (HQ)*, que conta a história dos quadrinhos no Brasil. De maneira dinâmica, ele conta em meia hora a importância que teve os quadrinhos no Brasil. Desde os preconceitos de que os quadrinhos fariam as pessoas deixarem de ler livros e jornais, até as

influências causadas nos programas de rádios, nos filmes de cinema, nos jornais, nas leituras, na televisão entre outros.

Fiquei a pensar nas diversas formas de quadrinhos que existem no mundo, cada país, cada cultura, e seria importante tentar diferenciar alguns deles; muitos seguem uma mesma lógica, porém outros não. Os Mangás são as histórias em quadrinhos tipicamente japonesas, que se diferenciam dos Comics pelo seu estilo de representação gráfica, por exemplo.

Alguns autores que escreveram sobre História em quadrinhos, acabam por falar também sobre filmes, pois eles tiveram um início muito parecido, até os dias de hoje. Um desses livros é "*Psicologia e História em Quadrinhos*".<sup>1</sup> A princípio achei estranho, porém fui percebendo que ambas as artes, foram surgindo e se construindo uma em relação com a outra.

Os efeitos especiais que embelezam os filmes atuais, são animações gráficas, são desenhos animados, são desenhos, em seu cerne, são uma seqüência de quadros (frames), que num todo formam o filme. São quadrinhos vivos, enfim.

Os heróis ganham vida nas telas dos cinemas. Com o desenvolvimento da tecnologia de efeitos especiais, as editoras como *DC Comics* e *Marvel Comics* investiram em filmes de heróis. Eles ganharam vida cinematográfica, ganharam outro espaço. Surgem das trevas, renascem, nascem para aqueles que jamais entraram em contato com eles antes, ou aqueles que dizem que a história em Quadrinhos é para criança. Os filmes sobre os super-heróis não tiveram muito sucesso há alguns anos atrás; para a época estes filmes eram inovadores, mas nada comparado com os de hoje. Os fãs do Homem morcego puderam ver seu herói surgir das trevas e domar as pessoas como nunca antes haviam imaginado. O Homem Aranha também se transformou em filme, assim como Demolidor, Elektra, Quarteto Fantástico, Hulk, Sin City, Hell Boy, V de Vingança, Aeon Flux (esse era animação da MTV), Fanal Fantasy (Jogo de videogame) e mesmo Tomb Raider que nasceu nos games e migrou para os quadrinhos, como outros. Há também aqueles filmes e séries que se transformam em quadrinhos, como Star Wars e os Trapalhões.

O assunto central do trabalho é a violência, através das histórias, agora percebo que não somente dos quadrinhos, mas a que aparece em filmes, livros e no cotidiano. Algumas perguntas que eu me fiz no começo do trabalho e que eu não respondi foram: Será que, as histórias em quadrinhos atuais estão mais violentas, que as de outra época? Se estão, qual será o motivo? A sociedade atual é mais violenta do que as anteriores? Ou a visão do adulto sobre a violência é uma, e a da criança é outra?

---

<sup>1</sup> ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. – *Psicologia e História em Quadrinhos*. São Paulo, Casa do Psicólogo Livraria e Editora LTDA, 2001

Quando me perguntei isso, pensei nos Anos 80 e 90. Lá haviam programas como: *Ratim-bum* (programa infantil em que havia atividades e animações), *Mundo da Lua*, *Anos incríveis* e outros. Apesar deles continuarem existindo, não são os programas mais assistidos pelas crianças. Muitos dos desenhos atuais, que as pessoas descrevem como tendo violência “explícita”, também foram produzidos em pleno anos 80 e 90. Pensando no Brasil nos anos 80 e 90, os desenhos animados, assim como outras culturas marcantes, demoravam anos para chegar as telas ou estantes brasileiras. Exemplo disso é o desenho animado *Dragon Ball* (que originalmente era um mangá) foi feito em plenos anos 90 e no Brasil começou a passar recentemente (2001).

Lendo o livro *A história em quadrinhos*, de Didier Quella-Guyot (1990), percebe-se que os quadrinhos podem ultrapassar a crença de que constitui apenas em diversão pura e simples. O autor fala da importância das histórias em quadrinhos para a arquitetura e também é o primeiro a expor que elas são consideradas como a Nona arte.

Este fato pode ser visto pelos estudos que os desenhistas fazem ao desenhar uma história em quadrinhos. Nelas se pode transpor os limites temporais, sendo assim um importante instrumento de pesquisa para diversos meios de expressão.

No evento, *Programa Ação Cidadã 60 anos da PUC, Atividade em transformação para a inclusão de todos*<sup>2</sup>. Houveram palestras sobre estas atividades, e mostrou-se a importância da união entre a imagem e a escrita, pois para eles as imagens dizem muito do texto a ser lido. Acreditam que o ensinar a ler não é função apenas do professor de Português, mas também do professor de matemática, geografia, química, biologia e outros, pois cada um conhece o tipo de texto que cada abordagem possui. Cada professor está acostumado a ler um determinado linguajar, e quando os professores começaram a ensinar aos alunos o linguajar de sua matéria, os alunos tendem a melhorar o seu desempenho nas matérias, pois eles começam a entender o que se está pedindo. A ideia é ensinar as pessoas a lerem as imagens que estão presentes no texto, antes do mesmo.

Quella-Guyot (1990) aponta a imagem que as histórias em quadrinhos já tiveram: “emburrecedoras”. Educadores e críticos afirmavam que estas tornavam as pessoas mais preguiçosas, que lendo-as as pessoas deixavam de ler livros, mas uma pesquisa encontrada na Internet mostra que pessoas que lêem histórias em quadrinhos lêem mais de um tipo de leitura; já aqueles que não as lêem, nem sempre lêem livros, revistas, jornais.

Em alguns livros, se encontrou a ideia de que as Histórias em quadrinhos faria com que as pessoas tivessem dificuldade no desenvolvimento da criatividade. Didier Quella-Guyot (1990)

---

<sup>2</sup> Foi um encontro de educadores que ocorreu na PUC-SP, que discutiam sobre maneiras de ensinar aos alunos aprenderem a ler os diversos textos, de diversas matérias. Tudo isso através de leituras de quadros. Antes da leitura da parte ortográfica, se dedicava um tempo para a parte gráfica, dos desenhos presentes no corpo do texto.

porém contra argumentou que a criatividade se formará entre os quadros das histórias em quadrinhos, nos espaços em branco, favorecendo o nosso cérebro a dar continuidade à cena, isto é, ele explica que as histórias em quadrinhos não seria um limitador de criatividade.

Às vezes, tomamos algumas idéias como verdades e não refletimos sobre elas, inclusive neste momento, em que há uma recepção de grandes quantidades de informações e pouco se reflete sobre isso. Assim, a cultura de massa pode tomar dois papéis; a de vilã da História, ou seja, algo a ser combatido, e a de reflexão sobre o que se está realmente transmitindo num determinado meio de comunicação. Como ela interfere no imaginário da massa? Quanto é possível dar outro significado para essa cultura?

Fico pensando que os mesmos quadrinhos de cultura de massa que são criticados são aqueles que fazem críticas à sociedade. Exemplo disto é um episódio da Disney, em que a personagem PATETA oras é o senhor Walker, aquele que anda pacificamente e cumprimenta a todos e oras é o senhor Driver que, atrás do volante de um carro, se transforma em um sociopata.

Finalmente devo dizer que este trabalho antes de tudo se propõe a fazer uma extensa reflexão sobre a questão – que desde as histórias em quadrinhos até as histórias de vida experienciadas/escutadas em nosso cotidiano nos interrogam sobre, em que exatamente ela consiste e quais os limites da violência.

## Histórico das HQ's

Antes de continuar, acredito que seja melhor dar uma introdução histórica sobre os quadrinhos. Neste momento, já surgiram algumas perguntas que provavelmente não irei responder aqui. Esta parte terá como apoio o livro “*História da história em quadrinhos*, de Álvaro de Moya” (editora Brasiliense – 2ª edição de 1993). Este livro nos permite ter uma ampla visão sobre o assunto.

Começarei com uma frase de Will Einsner (criador de *The Spirit*), um dos grandes representantes dos quadrinhos, a frase é uma carta para o autor e o prefácio do livro “*Histórias das histórias em Quadrinhos, Álvaro de Moya*”<sup>3</sup>:

*“(...) Lembro-me de ter-me surpreendido com a informação que ele me dava de que meu trabalho era muito bem aceito em países latinos. Foi através dele que percebi o fato de que a essência das minhas histórias, minha visão sobre a condição humana, era aparentemente compreendida na íntegra e podia transcender a barreira lingüística”.*

(5 de novembro de 1986)

Esta frase fala sobre algo que não se consegue medir, se vê, mas não é possível medir, algo que cause admiração em muitos autores famosos das histórias em quadrinhos. Isso poderia ser uma pergunta também, que estaria impressa no “COMO isso é possível?”. Diferentes culturas, diferentes vivências e realidades, mas todas elas são capazes de entender a essência de seus trabalhos. Assim como acontece em livros, músicas, filmes entre outros.

Álvaro de Moya aponta como a primeira aparição das Histórias em Quadrinhos, em 1816, quando um pintor chamado Wolfgang Adam Töpffer, leva alguns quadros para a Suíça e os publica, a crítica dizia que estas gravuras poderiam representar diversos lugares diferentes ao mesmo tempo. Seu filho, Rudolph Töpffer, era escritor e mostrou-se admirado pelo trabalho de Hogarth, que era uma destas publicações. Ele fala um pouco sobre o que percebia: “*No século passado, um homem de gênio, Hogarth, grande artista, mas sobre tudo grande moralista, publica diversas séries de gravuras formando dramas completos...*”<sup>4</sup>. Rudolph queria ser pintor igual ao pai, porém ele possuía um problema de vista que o impediu de concluir este desejo e ficou conhecido mais como escritor. Ele se dedicou as imagens (que tinham uma história embutida nelas) que geraram boa crítica de Goethe: “*é preciso admitir os motivos múltiplos que*

---

<sup>3</sup> Histórias das histórias em Quadrinhos, Álvaro de Moya

<sup>4</sup> Histórias das histórias em Quadrinhos, Álvaro de Moya, pág.8

*sabe expor em poucas figuras... Ele humilha o inventor mais fértil em combinações e podemos felicitar seu talento nato, alegre e sempre disposto*".<sup>5</sup>

Outros precursores dos Quadrinhos foram além do Rudolph Töpffer, são eles Wilhelm Busch e Christopher. Ambos utilizavam-se da linguagem literária e da linguagem gráfica para fazer as histórias, utilizavam-se também do senso de humor, o que mais para frente dará o nome para os quadrinhos: COMICS.

Ângelo Augusto (1843-1906) foi pioneiro no Brasil na arte dos quadrinhos. Nascido na Itália e imigrante no Brasil, desenha algumas histórias para algumas revistas, sendo uma delas o TICO-TICO.

Os fatos ocorrem de maneira rápida, a evolução dos quadrinhos parece engatinhar até a aparição das projeções cinematográficas. Este ocorrido favorece o desenvolvimento de animações de curtas e longas metragens.

Em 1895, teve o início as projeções, no Boulevard des Capucines, em Paris, de um dos grandes sucesso do cinematográfico Lumière, assim, inaugurando o que poderia ser chamado como o nascimento do cinema no mundo contemporâneo. Surge, também, o que denominam ser o primeiro personagem fixo semanal. O personagem de Richard Fenton Outcault recebe o apelido de "menino amarelo" por causa do papel jornal amarelado. Foi ele também que introduziu os balões nos quadrinhos, representando falas, sons, pensamentos etc. Essa introdução dos balões propicia o surgimento da linguagem dos COMICS. Neste momento, a sociedade mostra a influencia que ela exerce sobre a criação e nomeação dos personagens, pois ele tinha uma idéia de história que foi modificando os personagens: índios, amarelo, azuis, vermelhos, marrons, negros, meninos, garotos, astronautas, bichinhos animais e etc. O de maior sucesso aconteceu quando ele mudou o personagem que era pobre para um personagem que pertencia à classe social burguesa. A da família burguesa fez mais sucesso, sendo lidas mais as tiras e tendo melhor retorno dos leitores semanais do jornal.

Em 1905, Winsor McCay publica suas tiras no jornal New York Herald: estas se constituíam de um garoto que passava a historia inteira sonhando. "*A profundidade do inconsciente foi explorada visualmente, mas McCay revelaria que procurava dentro de seus próprios sonhos a inspiração gráfica para sua obra, o que, analisando pelo seu contemporâneo inventor da psicanálise, significaria uma sublimação para exorcizar os próprios demônios*"<sup>6</sup>. Ele irá ser um dos pioneiros na arte de animação, de filmes animados. Aqui começam a se unir Histórias em quadrinhos e filmes, pois os desenhistas trabalham tanto em filmes animados como em "Storyboard", ou seja em histórias em quadrinhos propriamente ditas.

---

<sup>5</sup> Histórias das histórias em Quadrinhos, Álvaro de Moya, pág.9

<sup>6</sup> Histórias das histórias em Quadrinhos, Álvaro de Moya, pág.28

Os primeiros estudos sobre comunicação de massa começam a surgir no ano de 1969, este tema será abordado um pouco mais à frente para entender o papel que a história em quadrinhos tem e qual é a sua função como um tipo de cultura de massa.

No Brasil, em 1905, a editora *O Malho* lança a revista *Tico-Tico*, que possuía um enfoque para o público infantil; passaram por ela uma leva de desenhistas e histórias de outros autores não brasileiros. Esta revista foi importante na época em que surgiu e até Carlos Drummond de Andrade fez um elogio para a revista.

Outro grande nome dos filmes animados é Barney Google, autor de Snuffy. Ele acabou falecendo no auge de sua popularidade e seu assistente, Fred Laurence, continuou assinando as tiras e foi o criador das histórias em quadrinhos para cegos.

O primeiro desenho animado a possuir som foi o *Gato Felix*, daí a sua importância. Ele foi desenhado por diversos artistas, teve continuidade mesmo depois da morte de seu criador, o australiano Patt Sullivan. No Brasil as tiras do *Gato Felix* foram publicadas na Gazetinha, no Implemento Juvenil ou em editoras independentes. Foi um personagem que atingiu um público muito amplo.

Em 1924, Harold Gray cria uma personagem que tem um resultado comercial muito grande. Annie, a pequena órfã, fez tanto sucesso que John Huston faz uma adaptação da história para a Broadway. O sucesso desta superprodução musical chamou a atenção dos diretores Hollywoodianos. *“O trabalho visual de Harold Grey não é muito apreciado, mas seu texto é cuidadoso e de alto nível literário. Começaram a surgir, então, críticas ao seu conservadorismo, às suas posições políticas, à sua alegada propaganda. Sua posição pessoal transparecia nas mensagens políticas inseridas com sutileza no texto(...)”*<sup>7</sup>.

É bom dizer que há outros acontecimentos que ocorreram simultaneamente aos quais não darei enfoque neste trabalho, mas que acredito serem importante para o entendimento do que está sendo criado, ou apenas reproduzido pela sociedade. Em muitos momentos, os quadrinhos parecem ser um meio, pelo qual o autor passa seus ideais de vida, suas críticas em relação aos acontecidos, e diz coisas das quais não há registro direto. Um dado que pode apontar essa manifestação é o que acontece na escola de Bruxelas, que é vista como sendo um marco importante, na história das histórias em quadrinhos; seu valor seria equivalente ao Renascimento histórico.

Após a Segunda Guerra Mundial, nasce um Belga, em Bruxelas, chamado George Remi. A partir dele os desenhistas belgas crescem em tamanho. Ele é mais conhecido pelo seu pseudônimo Hergé, autor de *Tintin*. Ele fala que na Bélgica não existiam desenhistas e que ele fugiu de sua sina que era ser ou fotógrafo ou clérigo. Ele diz ter um cuidado com o fator

---

<sup>7</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 55-56

realidade, pois estudava bastante para escrever a história do jovem. Suas histórias se davam conforme sua posição política. Ele se declara anticomunista, e tal qual, Tintin luta contra os mesmos.

Ele faz dois longas metragens e diversos curtas metragens para cinema e televisão. Este é o início de uma nova era para os quadrinhos europeus. Cada vez mais as Histórias em quadrinhos vão se confluindo com os filmes.

Em 1929, surge um marinheiro de passado triste, um marinheiro que marcou uma época de instabilidade econômica: Popeye. Seu criador, Elzie Criesler, diz:

*“Popeye tem um passado triste. E eu digo que o Pathos é o melhor fundo para o humor. A tragédia e a comédia estão intimamente ligados, uma está a um passo da outra. Quando sucede algo cômico com um personagem sério como o Popeye - é realmente engraçado. Se você dá a impressão aos leitores que está tentando fazê-los rir, está perdido”<sup>8</sup> (História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 64)..*

*Popeye* é um personagem marcante, e que mostra como os quadrinhos podem influenciar e mudar a sociedade. Um exemplo disso é a criação das palavras *Jeep* e *Hot dog*. São palavras usadas pela primeira vez nas tiras de *Popeye*, designando um carro de guerra e a comida do *Wimpy* (personagem que passa o desenho inteiro comendo) e permanecem até os dias de hoje.

A Palavra *Comics* vem da palavra cômica, os quadrinhos terão este nome, justamente por eles serem em sua grande maioria comédias, o que muda um pouco após a crise de 29, com o “Crash” da bolsa de Nova Iorque, os Comics tomam então outro caminho, diferente dos cômicos; os adventure, inaugurando a Era Dourada dos Quadrinhos, a década de trinta.

Nesta década surgem quadrinhos como: Tarzan (de Hal Foster), Buck Rogers (Ficção científica), os Dirty Comics (Autores clandestinos), Betty Boop (de Max Fleischer), Jane pouca roupa (de Norman Pett), Mickey (de Walt Disney), Dick Tracy (de Chester Gould), Flash Gordon (de Alex Raymond), Mandrake (Lee Falk e Phil Davis) e outros.

Em 1934, surge um autor de História em quadrinhos chamado Milton Caniff (Autor de Terry e os piratas). Ele revolucionou o mundo dos comics e revelou-se um grande dramaturgo também. Ele utilizava-se das técnicas cinematográficas, ou seja, ele recorria aos mesmos planos que o cinema e isso acabou influenciando também diversos diretores de filmes.

*“Milton Caniff, porém, criou, logo em seguida, outro personagem de sucesso, Steve*

---

<sup>8</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 64

*Canyon, que foi publicado em tiras diárias*<sup>9</sup>, em 1947. Esse personagem ficou famoso pela análise que Umberto Eco dedicou a ele.

Em 1934, o Suplemento Juvenil surgiu dentro do jornal do Rio de Janeiro A NAÇÃO. *“(...) as pessoas compravam o exemplar, atiravam fora o jornal principal e ficavam, encantados, lendo o encarte”*<sup>10</sup>. Isto mostra a influência e a independência que o encarte Suplemento Juvenil exercia. Depois de quatro semanas, tornara-se independente, revolucionando a imprensa brasileira. Esse fato acabou influenciando as gerações que vieram depois, tanto no rádio, quanto no cinema, nos próprios quadrinhos, na política e na cultura. Logo, o Suplemento se tornou bissemanal, ganhando um público grande de leitores. Neste mesmo momento Roberto Marinho lança O Globo Juvenil, para concorrer com o Suplemento. Iniciando assim no Brasil, a febre dos Comics Books, o que para nós são os tão famosos Gibis.

*“Em 1947, fechou o Suplemento Juvenil e abriu a semente da EBAL, na co-edição de Seleções coloridas, com a Editora Abril(...)”*<sup>11</sup>. *“Esses impérios se alicerçam não somente no progresso, mas, principalmente, porque o Suplemento, nas décadas de 30 e 40, alimentaram duas gerações de novos devoradores da impressão – escrita e visual -, fornecendo uma base de leitores de livros, revistas, jornais, ouvintes de rádio, cinemaníacos, telespectadores e profissionais desses setores.”*<sup>12</sup>

O suplemento Juvenil é importante para a história dos HQ's, além de ser uma revista de divulgação dos quadrinhos, ele traz coisas novas para o mercado Brasileiro, assim expandindo para outros autores e histórias importantes como o “Príncipe Valente” que é a criação de um dos maiores ilustradores do mundo, Hal Foster. Ele é um marco de influência de outros grandes ilustradores, que se deixaram influenciar por ele, como Hogarth e Alex Raymond. Ele desistiu de desenhar Tarzan, que para a época era um grande sucesso. Tempo depois, criou Prince Valiant, que inicialmente foi recusado pelo jornal United Feature. O jornal concorrente, King Feature Syndicate, aceita o trabalho e nas condições que ele desejava. A nova criação foi um sucesso tão grande que em pouco tempo havia versões em francês, italiano, espanhol, alemão e português. No Brasil, veio por intermédio do Suplemento Juvenil, depois passando para o Globo Juvenil.

---

<sup>9</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 90

<sup>10</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 104

<sup>12</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 106

*“Suas ilustrações belíssimas, visivelmente influenciadas pelo notável Matania, sua pesquisa de época, sua cultura, o conhecimento da história, da natureza e da psicologia, o apuro no uso dos planos, da relação texto e desenho (sem utilizar balões) fizeram dele não só um dos grandes desenhistas dos quadrinhos, mas também um dos maiores ilustradores da época medieval de todos os tempos”<sup>13</sup>.*

Um mundo importante dos quadrinhos para se olhar é o mundo Disney, que influenciou e influencia muita gente até os dias de hoje. Um grande nome neste mundo é Carl Barks. Ele começa sua carreira como free-lancer em desenho. Depois de um tempo trabalhando em free-lancer, ele assina contrato com o Estúdio de Burbank, Califórnia, de Walt Disney. Ele ficou seis meses trabalhando com animação (podemos perceber que as animações se misturam com as histórias em quadrinhos, pois os personagens podem surgir tanto em um ou em outro meio. O que não impede que ele transite entre as duas artes), após este tempo, ele foi transferido para uma equipe de roteiro, que desenvolvia narrativas, Story boards, para os filmes e animações.

Ele trabalhava em cima de um longa do personagem Pato Donald, quando o projeto foi desativado pelo grande sucesso que os desenhos de Branca de neve e os sete anões e Pinóquio fizeram. O estúdio preferiu focar nas animações de histórias já conhecidas. O projeto, que ele estava trabalhando, quando foi desativado, foi publicado mais tarde numa edição especial. Apesar do sucesso do gibi, em 1947, ele pediu demissão após seis anos de trabalho. Porém, continuou trabalhando informalmente para Walt Disney.

*“A revista Time no texto do crítico de cinema Jay Cocks, destaca “sem royalties, sem mordomias, sem assinar trabalhos – nenhuma linha sequer - , Barks desenhou e escreveu cerca de quinhentas histórias do Pato. Até que, em 1947, numa edição especial de Natal, inspirado em Charles Dickens, criou o Tio Patinhas”.*

Este foi o começo de suas criações, pois mais adiante, criou o Professor Pardal, o Primo Gastão, Maga Patalógica e os Irmãos Metralhas.

Após a Segunda Guerra Mundial, a produção de quadrinhos aumentou, crescendo assim a quantidade de artistas fantasmas, artistas estes, como Barcks que desenhava e criava, mas não podiam assinar a obra, massificando os traços, o modo de desenhar e tudo mais. Mauricio de Souza era um desses fantasmas e ele hoje em dia também possui seus fantasmas. A Disney foi a primeira a usar esta produção em massa e de massa. A consequência disso é

---

<sup>13</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 107

que os quadrinhos puderam ser feitos em maior quantidade e em menor tempo, aumentando as vendas. Os quadrinhos deixam de sobreviver por aqueles que assinam e sobrevivem pela marca que eles possuem. Walt Disney, ele mesmo, criou apenas duas personagens de todo o seu império, Alice e o coelho Osvald, e ao montar o estúdio surgiu o Mickey, mas ele não foi o seu verdadeiro criador.

*"Tio Patinhas não deve ser mostrado como mau, nunca deve ser tão realista a ponto dele ser comparado aos agiotas de hoje(...) com toda certeza, ele procede da Escócia (...) Evitamos indicar seus negócios geograficamente, ele não é americano, já que Patópolis é um país imaginário". 'Do manual para roteiristas Disney' (xérox em português de material interno da Editora Abril. Sem autor, sem tradutor, sem data de publicação).*

Uma figura importante e surpreendente que surge nos anos 40, mais exatamente em 1938, personagem que movimenta uma quantidade de dinheiro grandiosa e que deixou seus criadores morrerem de fome, sendo o causador de decepções cinematográficas. Ele carrega o fardo no peito e não é reconhecido diretamente: para o alto e avante! O Super-Homem encantou e encanta muitas pessoas e desperta muito desgosto em outras pessoas.

Em 1938, seus criadores Jerry Siegel e Joe Shuster mandaram uma tira para os jornais e estes foram vetados por acreditarem que este personagem era muito fantástico. J.S. Liebowitz encomenda umas tiras para serem publicadas no formato Comics Book's a revista chamada "Action Comics", que mais tarde lançará outros personagens marcantes do mundo Comics. Hoje em dia, esta edição vale milhões e na época valia dez centavos.

O superman daquela época não era tão super como o de hoje em dia: antes ele dava grandes saltos, corria mais rápido que um trem, pegava bala com as mãos e o peito era invulnerável. Agora, este mudou bastante, conforme o desenvolvimento científico: então ele voa a uma velocidade maior a que a da luz (quebrando a barreira tempo espaço, fazendo o tempo voltar, assim como acontece no filme do Super Homem), enfrenta bombas nucleares e seu tendão de Aquiles é a criptônita verde, matéria originária do seu Planeta (de seus pais).

Em 1947, de Lisboa para o Brasil, chega James Cortez. Inicia seu trabalho de ilustrador no Diário da Noite, com Caça aos tubarões e O Guarani. Colaborou também para o Gazeta Juvenil e fez capas para histórias em quadrinhos de Terror. Com a ajuda de Cortez, a Editora La Selva *"passou a publicar revistas populares- terror infantil, humorísticas e aventuras-, abrindo um leque amplo de publicações, revelando escritores, editores, desenhistas, letristas e*

*profissionais do campo gráfico*<sup>14</sup>. Revelando alguns talentos, entre eles o criador de Mônica e sua turma, Mauricio de Souza.

Na década de 50, surge um garoto que foi adorado pelos leitores, mas era odiado por seus amigos. Charlie Brown para alguns, ou Minduim (Peanuts – nome este que seu criador, Charles Schutz, não aceita até sua morte) para outros. Charlie Brown e seu cão Snoopy (que terá muitas vezes um papel mais importante na história que o próprio Charlie Brown) são alguns dos personagens mais reproduzidos no mundo. Muita gente acusa o autor de super comercializar um produto, que é estritamente comercial; porém ele é um dos raros artistas do gênero que não trabalha com equipes de desenhos e roteiristas, tendo concentrado tudo nele, fazendo todos os passos do processo de criação dos quadrinhos. Ele não segue a mesma mentalidade de Walt Disney, em relação aos fantasmas, há um mérito dele no sucesso de Charlie Brown e Snoopy.

Ele acredita que Charlie Brown é um personagem como qual as pessoas se identificam por se assemelharem em muito a elas: ele acredita que na vida há muito mais perdedores do que vencedores. Isto é algo que está ligado a relação de ser um ganhador na sociedade atual norte americana, capitalista, onde há poucos vencedores na vida, pois para que haja um vencedor deve haver muitos perdedores para compensar, ou seja, a grande maioria, seus leitores assíduos.

Além das acima mencionadas, foram surgindo outras questões durante a leitura de livros e trabalhos relacionados à HQ. Foi encontrado um trabalho que fala a respeito do Batman, de forma bem centrada nele: O Sublime gótico, Batman, de Either Lobianco Junior.

Uma personagem sombria que vigia Gotham City dos vilões, às escuras. Devido a um trauma de infância, o Pequeno Wayne vai a busca de justiça (que se mistura com Vingança) contra o assassino de seus pais. Submetendo-se a treinamentos de artes marciais, físicos e mentais. Ele utiliza-se do próprio medo para assustar ao outro. Conforme ele vai prendendo os criminosos, acaba criando uma rede de supervilões que assombram completamente o super-herói, o que gera uma luta constante contra os próprios medos e sua sede de vingança que nunca acaba, pois ele não encontra o assassino de seus pais, projetando-o nos outros bandidos. Batman tem a identidade secreta de Bruce Wayne, um playboy milionário que curte a vida como qualquer um dos que tenham muito dinheiro, mas sua verdadeira identidade se confunde entre Batman e Bruce Wayne.

Nos dias de hoje, podemos encontrar muitas outras histórias em quadrinhos, novos roteiristas e ilustradores. Os estilos mangas invadiram o mercado brasileiro há pouco tempo. Com as histórias de Dragon Ball, Evangelion, Sakura Card Captor, porém já haviam alguns

---

<sup>14</sup> História da História em quadrinhos, Álvaro de Moya, editora Brasiliense, 1993 – pág. 149

desenhos japoneses que estavam presentes nos anos oitenta e até anteriormente a isso.

Como exemplo, Akira, Patrulha estelar, Robotech entre outros. Nota-se uma diferença dos quadrinhos ou animações japonesas com os americanos. Normalmente, com raras exceções, os quadrinhos norte americanos são quadrinhos que vivem no eterno ciclo da juventude saudável, do corpo perfeito, da mente rápida, da potencia máxima do corpo como um todo. Já os japoneses, normalmente tem um começo meio e fim; pode ser que as publicações durem muito tempo, mas há um final. Exemplo disso: seria Ranma ½, Dragon Ball, Inu Yasha e outros.

Há muitos quadrinhos que não foram citados nesta introdução, pois não é essa a função deste trabalho, mas apontar que as criações não pararam e nem pararão de se produzir, de nelas retratar algo daquilo que aqui pretendemos detectar.

# Violência: Definição e conceito

*“Violência é um comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se a autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim violentia (que por sua vez é amplo, é qualquer comportamento ou conjunto que deriva de vis, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ente.*

*Assim, a violência diferencia-se de força, palavras que costumam estar próxima na língua e no pensamento cotidiano. Enquanto que força designa, em sua acepção filosófica, a energia ou "firmeza" de algo, a violência caracteriza-se pela ação corrupta, impaciente e baseada na ira, que não convence ou busca convencer o outro, simplesmente o agride.*

*Existe violência explícita quando há ruptura de normas ou morais sociais estabelecidas a esse respeito: não é um conceito absoluto, variando entre sociedades. Por exemplo, rituais de iniciação podem ser encaradas pela sociedade ocidental, mas não pelas sociedades que o praticam”. (Wikipédia)<sup>15</sup>*

Aqui está uma definição de uma enciclopédia eletrônica, eu poderia muito bem usá-la, para analisar os conteúdos a serem analisados, por estes moldes. Acredito que ao lê-la ela me faz sentido no racional, mas não tenho algo que afirme que seja exatamente isso! Começo a discutir sobre esta questão e com o desenvolvimento do trabalho irei definindo o que vem a ser a violência. Pode acontecer de eu chegar na mesma conclusão, e se isso vier acontecer, não vejo como problema, mas como um aprendizado e uma reflexão sobre essa temática. Além do mais, não teria sentido tomar essa definição como verdade, uma vez que acredito que a psicologia tem muita coisa para acrescentar nesse assunto. Assim, como outra pessoa, psicóloga ou não, pode ler este trabalho e ver com outro olhar e chegar a outras definições, diferentes das encontradas.

Pode-se perceber que a violência vai se diferenciando de tempos em tempos, de cultura para cultura, de pessoa para pessoa. Ela tem um papel entre os animais e os humanos.

Nem sempre tudo fora visto como violência, uma vez que, segundo Darwin, somos

---

<sup>15</sup> O uso da fonte Wikipédia se deu por ser um dicionário virtual que as pessoas têm usado como referencia.

resultado da evolução dos macacos que são de outras espécies anteriores e de outras anteriores até o tudo e/ou nada. Para a simples sobrevivência da espécie, os primatas ou os que antecederam, se utilizavam da agressão para sobreviver e manter seu gene no mundo o que os tornariam imortais, no sentido da continuidade dos genes. A violência estava voltada para a sobrevivência da espécie. Se os primatas não praticassem os atos de violência em relação às fêmeas, para a procriação, talvez a espécie não teria vingado. Por diversos motivos de seleções sociais, os machos não batem mais na cabeça da fêmea para copular com ela. A sociedade mudou, seus comportamentos também mudaram e o macho teve que se conter, para não infringir a lei e ser castigado por tal ato.

Antes de prosseguir por este meio de pensamento, gostaria de refletir, até que ponto pode se dizer que há violência. Pensando pelo foco da física newtoniana, os corpos tendem a manter-se em movimento, e os corpos param por ter uma força de atrito contrária ao objeto em questão, e para começar a se movimentar novamente, precisa-se de uma força maior que o atrito. Seria isso um ato de violência? A Violência seria uma das características fundamentais das leis que regem o mundo? Se isso for violência, pode-se dizer que os homens são nascidos da violência e morrem na não violência e que eles precisam disso para sobreviver aos desafios da vida, da força gravitacional que age sobre o corpo de forma violenta? Talvez seja algo muito além daquilo que a razão possa dar conta. Ou melhor, se somos como somos nesta ação gravitacional é porque há uma adaptação, e talvez isso fique mais claro quando pensamos na sobrevivência dos seres humanos e, agora, dos animais em cativeiro. Percebeu-se que os animais, devido ao avanço da sobrevivência, começaram a ter problemas físicos, que são característicos do humano. Um exemplo disso é o que foi constatado num zoológico na América do norte, um de seus animais começou a ter problemas de artrite e catarata antes de morrer.

## Capítulo I

### Mitologia: uma articulação da violência.

Seguirei na Mitologia grega para discutir sobre o que é violência, para que não use palavras soltas, sem muito sentido eficiente para o meu entendimento. A organização da

sociedade foi se modificando conforme a estruturas de leis e costumes de cada povo. Neste momento histórico atual de 2008, a sociedade é um agrupamento de indivíduos muito complexos, que envolve fatores e limites, que nem sempre conseguimos definir com precisão exata, através de cálculo, uma prova real. Esta organização destoa por não ser apenas a de uma sociedade que visa a sobrevivência da espécie como acontecia na pré-história, mas é organizada em castas ou por status, que, de certa maneira, garante na transmissão dos genes e de valores. Entramos num momento histórico na qual a dimensão racional tem uma importância muito grande. Na sociedade atual, tem-se o culto do “corpo perfeito” e imutável, que está ligado a questão da imortalidade, não somente com essa temática, mas com a da juventude eterna, utilizando-se de recursos diversos para tentar impedir nele os sinais da vida que se transforma - estamos no momento da filosofia, da ciência e não o do sentir.

Os Deuses eram considerados imortais até o momento que foram relegados ao esquecimento; porém, para os gregos, eles foram muito mais que apenas uma entidade que olha e deixa o trem da vida. Andando, eles se relacionavam com os mortais, à sua maneira, mas se relacionavam.

Por serem imortais, tiveram alguns comportamentos bem característicos, como a experimentação dos mortais, cometendo em alguns momentos atos violentos. Eles testam a tudo e a todos sem que os humanos tenham alguma influência nesta decisão, já que não possuíam a angústia da morte e, portanto, não se identificaram aos mortais. Assim, eles agiam como o bebê faz com os adultos, porém, em muitos momentos eles destruíam ao outro e não tinham como ressuscitá-lo, ou alguém cortava alguém muito precioso que em seguida era remontado, mas sempre faltava um pedaço do corpo, substituindo por algo que não pertencia originalmente à pessoas, formando assim os talismãs. Os Deuses não refletem muito sobre as consequências dos próprios atos, apenas fazem, agem, tal como o fazem as crianças pequenas.

Após Zeus engolir a tudo e a todos, nenhuma das outras entidades divinas ou humanas conseguem superá-lo. Após este fato, as outras divindades têm a permissão de experimentar coisas que antes não era possível fazer:

*“Como Géia entregara a foíce branca ao filho Cronos para que cortasse os testículos de Urano, do mesmo modo foi Noite quem engendrou o engano para que Zeus se libertasse de Cronos. Então, o gesto cabia ao macho. Mas somente os seres femininos conheciam a mêtis, a inteligência que organizava os atos do silêncio da mente. Noite preparou um grande banquete para Cronos. Muitas criadas e servidores se alternavam, carregados de ambrósia, néctar e mel. Satisfeito, solitário, Cronos continuava a alimentar-se de mel, como quem afunda na volúpia. Depois se levantou, bêbado, e foi deitar debaixo de um*

*carvalho. Em seu rosto permanecia a dissipação de um prazer que não conhece fim. Entretanto Zeus subira ao céu, na garupa de um bode. Com passos silencioso aproximou-se do pai. Observou-o e amarrou-lhe o corpo com uma corrente. Mas isso era só o início do plano de Noite. Zeus deveria agarrar tudo que girava pelo mundo e, bem amarrado com uma corrente de ouro, engolir tudo. Quando os céus, os mares, a terra e os seres divinos tinham todos desaparecido em seu ventre, Zeus pensou que lhe faltara uma última tarefa: engolir Fanes. Subiu ao dorso do mundo onde Fanes vivia em solidão, junto com seus cavalos. Não foi necessário nenhuma estratégia porque Fanes estava absorto e m si mesmo e inerte.*

*Depois pouco a pouco, tudo o que entrara no ventre de Zeus foi vomitado de volta para a luz. Apareciam árvores e rios, astro e o fogo subterrâneo, seres divinos e animais. Tudo parecia igual à antes ou tudo era diferente. Do grão de poeira até os imensos corpos que giravam no céu, tudo estava amarrado por uma corrente invisível. Tudo parecia esmaltado de luz, como se nascesse pela primeira vez. Mas Zeus sabia que não era assim: com ele, pelo contrário, tudo nascia pela última vez”.<sup>16</sup>*

A cena descrita acima seria o momento que o mundo é formado tal como se conhece, e descreve o ato de tentar colocar o mundo inteiro em seu interior de maneira impulsiva, extremista, de tentar conter o mundo dentro de si, o que até para um Deus, significa uma agressão ao próprio corpo, à mente, à sua constituição como um ente. Esse ato de engolir a tudo e a todos é demonstrativo da falta de limites do próprio ser. Ao engolir Fanes o próprio corpo rejeita tudo o que ele colocou para dentro, nada daquilo fora digerido, interiorizado. Quando tudo saiu de novo para o mundo, tudo voltou de maneira muito igual a anterior, mas muito diferente, pois era a última vez, que isto acontecia: era o início do fim.

Este ato lembra o de uma criança que não tem a noção exata dos limites dela, e acaba comendo mais que ela mesma agüenta, fica passando mal e depois vomita por não conseguir agüentar todo o conteúdo ingerido.

*“A criança subconscientemente a entende como a diferença entre o princípio de prazer descontrolado – quando se deseja devorar tudo imediatamente, ignorando as conseqüências – e o princípio de realidade, de acordo com o qual sai-se vasculhando inteligentemente por comida”<sup>17</sup>.*

---

<sup>16</sup> Calasso, R. - As núpcias de Cadmo e Harmonia, ano: 1996, Companhia das Letras, p 141.

<sup>17</sup> Brettelheim, B. - A psicanálise dos contos de fadas, 2007, Paz e Terra, p 64

Assim Bruno Bettelheim afirma em sua *“Análise dos contos de fadas”*, analisando a história dos três porquinhos, no momento em que o mais velho engana o lobo e vai comprar a comida na feira antes que o mesmo apareça.

Podemos pensar que a imagem de Zeus fica muito próxima de um ser mortal, diferenciando-se dele praticamente no momento em que toma as decisões, valendo-se de seu poder extra humano e de sua imortalidade. A violência é também o não consentimento do outro, sendo caracterizada a partir do momento em que alguém comete um ato sem que o outro permita. Isto pode ser considerado violência, o que a torna diferente da agressão física, pois a violência pode estar numa esfera mais lógica/ psíquica e não ser algo físico.

Um exemplo seria duas pessoas de culturas diferentes. Peguemos uma pessoa de povos nórdicos e outro de povos latinos. Não é necessário ir tão longe, mas fica mais claro com dois povos bem distintos. Quando há um encontro destas duas pessoas, primeiramente há um conflito cultural, pois eles não conhecem o comportamento cultural um do outro. Com isso, o latino vem e abraça, dá beijos, dá as mãos, fica tocando no braço do outro. Já o nórdico, primeiramente não entende, acha invasivo, pois ele não deu abertura para que o outro viesse e o estimulasse corporalmente: este ato pode ser de uma violência tal, que a pessoa pode reagir de diversas maneiras e uma delas é: afastando a pessoa que invadiu o espaço individual, entendendo que a pessoa quer algo a mais, etc. Desse momento em diante, tem-se diversos caminhos, que podem se abrir, que dependerão das pessoas envolvidas.

Como sempre, ele, Zeus, fez as coisas sem muitos limites, por um impulso de fazer; não há nada que pudesse tê-lo impedido de agir de acordo com isso. São estes os atos incontroláveis, que mudam o mundo de forma violenta, tanto para o mundo externo, mas igualmente para o mundo interno.

As histórias não terminam pelo fim, mas com o caminhar dos atos que marcam toda uma humanidade, que têm como espelho os deuses, assim como uma criança que imita o adulto (pais) o faz, por uma certa identificação, por necessidade de apoio emocional, de uma liberdade para agir, de uma não responsabilidade com os próprios atos. A criança ensaia alguns atos com os adultos e os mesmos vão direcionando o que eles consideram violência ou não. A criança destrói para consertar depois e quando algo que quebrou não consegue ser reavisto, ou conservado, ou recomposto, ele passa a entender a finitude, o irrecuperável, a Morte. A Morte ganha corpo, ganha uma representação, ela se torna à união de Hades com Perséfone<sup>18</sup>, a partir deste momento a criança sabe do imprescindível, da finitude, do perigo dos próprios atos.

---

<sup>18</sup> Sendo Hades um imortal e Percefone uma mortal, esta união representa a junção entre um imortal com uma mortal, fazendo com que a morte antes sem corpo, ganhe um.

Imagine se os heróis passassem a pensar em todas as guerras antes de entrar nelas. Eles, provavelmente, não se colocariam da maneira como se colocam, de forma muitas vezes, impulsiva, sem uma reflexão prévia do acontecido. Estas decisões de maneira impensadas, são formas de lidar com o problema sem uma angústia anterior, durante ou após. Eles são os seus impulsos, seus atos: são como uma pulsão de um coração, manuseando suas armas num ritmo constante. Eles são guiados pelo coração, pelo sangue que corre em suas veias, não importando se a pessoa realmente quer ou não, se ela está morta ou não. Eles seguem o pathos, a paixão, são os puros desejos que se executam em seus punhos. Nem todos os heróis seguem este caminho de impulsos.

Ao observar, no mangá chamado Vagabond, que relata o desenvolvimento de um samurai, em busca da perfeição, da transcendência espiritual através da espada, colocando-se por conta disto em situações de risco de vida e refletindo sobre cada passo dado, vemos que este samurai, Musashi está lutando com Inshun, ele entra na batalha sem olhar e refletir sobre o inimigo, apenas queria lutar para provar que ele era superior ao adversário. Durante a batalha, ele começa a refletir e a sentir o adversário, percebe que está muito distante dele. Se ele tivesse percebido isso antes, ele não teria entrado na batalha, mas, a partir deste momento, que fora crucial, a luta já mostrava um vencedor: Musashi fora tomado pelo medo de morrer. A finitude, a morte se mostrou encarnada na figura do adversário. Freud diz que as pulsões humanas

*“são de apenas dois tipos: aquelas que tendem a preservar e a unir — que denominamos ‘eróticas’, exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra ‘Eros’ em seu Symposium, ou ‘sexuais’, com uma deliberada ampliação da concepção popular de ‘sexualidade’ —; e aquelas que tendem a destruir e matar, as quais agrupamos como pulsões agressivas ou destrutivas”<sup>19</sup>.*”

Musashi estava oscilando entre as duas, suas pulsões agressivas o mantinham atacando e apegado à vida, se desviando de golpes mortais, mesmo já sabendo que a luta estava perdida. Musashi corre do campo de batalha e seu adversário o persegue. Descobre que a vida lhe é mais valiosa que a morte gloriosa. Ele jamais havia experimentado esta sensação. Consegue fugir, mas o medo permanece. Somente quando o medo se torna parte dele e ele não é tomado pelo mesmo, ou seja, por aquele sentimento que veio com tal violência que ele não conseguiu seguir em frente, não conseguiu lutar até se apropriar daquela violência de sentimentos e sensações. Apenas quando ele se isola e reflete e vivência todas aquelas sensações, ele consegue lutar novamente contra Inshun e o resultado final será um empate.

---

<sup>19</sup> Freud – carta a Einstein - por quê a guerra, Obras completas, ed. IMAGO, edição eletrônica, 1933 (1932) 26

Musashi é muito humano perto dos heróis gregos, que lutam contra 10000 soldados, sendo o exército que deles se defendia, formado de apenas 300 espartanos. O que motiva os 300 espartanos a lutarem contra 10000 soldados inimigos? A que violência eles estão se curvando? Freud diria: *"Já vimos que uma comunidade se mantém unida por duas coisas: a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais (identificações é o nome técnico) entre seus membros. Se estiver ausente um dos fatores, é possível que a comunidade se mantenha ainda pelo outro fator"*<sup>20</sup>. Pode ser que os espartanos estavam numa posição de recuo, tal que despertou o instinto básico dos soldados: o da sobrevivência. Pessoas acudadas podem agir de diversas maneiras e em todas, elas agem de forma imprevisível, o que desmantela a consistência do adversário. Assim como acontece no Xadrez, quando um jogador faz um ato inesperado, o adversário não entende e pode perder o jogo por esse motivo.

Outro exemplo, mais recente de dois grupos se degladiando entre si, seria o da guerra do Vietnã, onde os vietcongs se utilizaram de estratégias para sobreviver à invasão de um exército mais bem armado, os do EUA, sobrevivendo e forçando-os a se retirarem de seu país. Nesta mesma época, começou o movimento Hippie, que visou à paz e o amor à sua maneira, por meio das drogas sexo e rock n' roll, mas fora um movimento forte contra a questão da guerra, apelando para a importância dos sentidos, das percepções de si e do mundo, por tudo quanto representava a pulsão de vida para eles.

Os heróis portanto se assemelham aos Deuses, no sentido de não refletirem muito sobre a consequência dos seus atos. Eles agem depois refletem sobre, assim como acontece com Aquiles, aquele

*"que pode trair mas não refletir sobre a traição: seus movimentos são ondas imprevistas, com direções mutáveis. Assim investe contra o corpo de Pentésiléia e, naquele momento, está convencido de abater um poderoso guerreiro troiano, que nem mesmo Ájax conseguia enfrentar. Em seguida levanta o elmo da Amazônia moribunda. Seu olho encontra pela primeira vez o de Pentésiléia no instante em que, do alto, enterra-lhe a espada no seio. Naquele instante é fulminado pela paixão. Pregara a amazona ao cavalo. Tomou então a virgem guerreira nos braços com amorosa delicadeza. Na poeira e no sangue"*<sup>21</sup>.

Pode-se perceber que na luta de Tróia, tudo gira em torno de uma mulher, de uma

---

<sup>20</sup> Freud – carta a Einstein - por quê a guerra, Obras completas, ed. IMAGO, edição eletrônica, 1933 (1932)

<sup>21</sup> Calasso, R. - As núpcias de Cadmo e Harmonia, ano: 1996, Companhia das letras, p 87

paixão, de um sentimento de traição. Dois povos entram em guerra por não se entenderem, por não abrirem mão do próprio desejo. O desejo era muito mais forte que a própria vida, o que levou as pessoas brigarem por coisas que não eram propriamente delas, mas que encontraram um motivo e seguiram sob a bandeira de um dos lados, conforme sua identificação patriótica ou passional. Esse foi o episódio que terminou a era dos gregos, foi à mudança de continente, de povo.

A idéia de poucos vencerem muitos é algo que atrai as pessoas, pois remete ao milagre da sobrevivência, assim como os heróis gregos, ou os conto de fadas, em que a personagem mata três moscas e o telefone sem fio vai passando a mensagem, que acaba se transformando em: "a pessoa matou três gigantes de uma vez". Há muitas historias em que encontramos uma desvantagem numérica, mas isso não impede as pessoas de lutarem por seus ideais. Os que também já vimos, na guerra do Vietnã, estavam em menor número, o que não os impediu de parar a invasão norte americana, utilizando se de estratégias, como: atacar durante a noite e sempre barracas específicas, de armamentos ou médicos. Além de ficarem dentro de túneis durante muito tempo, andando de um lugar para o outro sem serem vistos.

## Capítulo II

### Algumas Possíveis teorizações sobre a Violência

Antes de prosseguir, acredito de devo descrever algumas idéias teóricas que podem ajudar a um melhor entendimento do assunto: a violência. Para isso tenho como base, Jurandir Freire Costa, psicanalista, que em seu livro, *“Psicanálise e violência”*, discute sobre a violência, inicialmente relacionando-a ao que os grandes pensadores refletiram. Colocando algumas situações contraditórias para chegar a ela, violência, e começando pela tentativa de discernir se a violência é psíquica, cultural ou natural:

*“Antes da intervenção da sexualidade, linguagem ou desejo do outro, não há psiquismo. Com boa vontade, poderíamos admitir, no quadro da definição aristotélica, que os instintos dos filhotes do homem são violentos pela ação humana, jamais o psiquismo. Sendo um fenômeno da cultura e não da natureza, não se pode atribuir ao psiquismo um hipotético rumo natural, independente desta cultura”.*<sup>22</sup>

Ele descreve que a violência existe devido ao surgimento da cultura, pois ela “é imposição violenta de uma seleção arbitrária de significações. A violência é, portanto, uma propriedade da cultura. Mais que isso, é moto-por-pulsor da reprodução cultural”<sup>23</sup>. **Sem a violência, não seria possível a cultura surgir e se perpetuar e além de tudo, “pode-se objetar que este raciocínio é enganoso. O que se afirma, dir-se-á, é que a violência da reprodução cultural deriva da necessidade sociológica, isto é das relações de força determinadas pelos grupo ou classe dominante”**<sup>24</sup>. Para ficar mais claro esse sentido de dominação ou relação de forças da classe dominante, isto seria devido a um fato histórico bem distante para que não fique uma questão de perseguição política ligada a nossos momentos atuais, e que faz referencia à época em que os romanos invadiram os terrenos vizinhos, tomando a Europa e tentando por muito tempo invadir a Grã-Bretanha. Após invadir estes países, eles descobriram que a melhor forma de conquistar um povo seria pela cultura. Modificaram lentamente a cultura local, conseguindo

---

<sup>22</sup> Costa, Jurandir F. - *Violência e Psicanálise*, editora Graal, p 21

<sup>23</sup> Costa, Jurandir F. - *Violência e Psicanálise*, editora Graal, p 23

<sup>24</sup> Costa, Jurandir F. - *Violência e Psicanálise*, editora Graal, p 23

assim permanecer por muito tempo no poder, porém nem tudo é eterno, o poder também não é. A queda de Roma acontece, inaugurando assim outro momento histórico.

Se pegarmos os livros, literário ou didáticos, podemos perceber que neles estão inseridos os ideais de um povo. Como exemplo podemos ver que nos livros de geografia norte-americana, a Amazônia está descrita como um território de todos e não mais pertencente ao Brasil. Ou então, nossos próprios livros de geografia e história tendem mais para ideologia da esquerda não se restringindo somente a descrever os fatos. Outro exemplo é que, a cada mandato, de partidos diferentes, tem-se que se acostumar com um vocabulário diferente, sendo que eles descrevem as mesmas coisas do partido oposto, mas não se pode continuar verbalizando o que é da oposição. Neste caso, acredito que se perde muito tempo precioso, inclusive na ação pública, com as mudanças de nomenclatura, ao invés de continuar um programa que é interessante, ou investir nos programas já existentes. O que vem se demonstrando é que estes programas ligados a saúde, não dependem somente da epistemologia partidária, mas de quem planeja os investimentos, e, que pode ser apenas um indivíduo. O que causa um excesso de pequenos serviços espalhados numa única região. A meu ver, seria melhor fortalecer o que já funciona, do que ficar criando outros programas que muitas vezes fazem o mesmo trabalho, porém com outros nomes.

*A violência aparece como uma consequência do "conflito de interesses". É, digamos assim, um instrumento de que se servem os homens para arbitrarem estes conflitos. Mas, segundo Freud, um instrumento privilegiado, um princípio geral da ação humana frente a este tipo de situação: "É, pois, um princípio geral de conflito de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência" (grifo nossos)<sup>25</sup>.*

O que não seria muito do interesse dos políticos em continuar o programa da oposição, por mais que este esteja dando bons resultados, pois nele está inscrito a insígnia do partido fundador. O que é um erro, pois não é por ser fundador que realmente se conseguiu implementar o programa, mas eles tem outras preocupações. Além de tudo, os votos depois seriam para aquele que implementou e deu o "start" ou aquele que o continuou e o desenvolveu? Estou ciente que tem uma questão epistemológica por detrás disso tudo, cada partido tem um ideal por base em sua fundação, e estou certo que em muitos deles, esses ideais fundantes já não estão no horizonte. Como anteriormente indicado, se perde muito tempo na questão do interesse, e se tem pouco tempo para o que realmente é necessário fazer, o que

---

<sup>25</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 31

de certo modo é um ato de violência contra aqueles que realmente necessitam, os serviços a eles ligados.

Não tem como todos governarem (neste tempo e ideologia) em um único sentido, pois há sempre um conflito de interesses entre o que é individual e o que é do coletivo. O ser Humano precisa de um guia algo formal para que consiga desenvolver sua identidade, não importa qual ela seja. Freud nas teses de *“Totem e tabu”* e da *“Psicologia das massas e análise do eu”*, conclui

*“que a comunidade dos homens “se mantém unida por duas coisas: a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais (identificação é o nome técnico) entre seus membros. Isto é, o direito e a lei são mantidas pela violência (totem tabu) e o que poderíamos chamar de consenso, consentimento ou apoio a lei”<sup>26</sup>.*

Pensando que estas leis podem ser lei judiciais ou leis internas familiares ou individuais.

A violência tem sido vista como algo extremamente ruim, mas ela é também necessária, *“a violência é posta a serviço da preservação da comunidade e da vida cultural e não do desejo instintivo de matar ou fazer sofrer o semelhante”<sup>27</sup>. Sem ela provavelmente, não haveriam motivos para se escrever livros, poemas ou teses, pois todos se matariam, ou deixar-se-iam morrer. E é por este motivo que desejamos a paz: é o desejo de perpetuar o que foi construído. Na guerra, tudo perde o valor, até o que há de mais precioso, a própria vida, que guarda inúmeras idéias e invenções próprias para o desenvolvimento humano e pessoal. Além de tudo, “a violência, segundo Clastres, exprime o “desejo sociológico” da sociedade em permanecer Una”<sup>28</sup>. Ser una é aceitar que o outro é diferente e aceitá-lo, mas até que ponto isso é realmente possível? Um dia escutei de um polonês (de forma cômica, mas interessante) que ele não gostava do cheiro de cebola e alho. Isto porque eu cozinhava e a base era cebola, alho e gengibre. Ele continua dizendo que grande parte das pessoas (Europa) não gostavam dos dois condimentos; fiquei impressionado, achava que era o oposto, então ele continua dizendo que talvez esse seria o motivo de ninguém gostar de orientais, povos que consomem bastante destes produtos e exalam um peculiar odor. Como sabor não se discute, mas se degusta, vamos seguir em frente.*

A violência é

---

<sup>26</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 33

<sup>27</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 33

<sup>28</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 58

*“o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência destes predicados não altera a qualidade especificamente humana da violência, pois o animal não deseja, o animal necessita. E é porque o animal não deseja que seu objeto é fixo, biologicamente predeterminado, assim como o é a presa para a fera”<sup>29</sup>.*

Jurandir coloca que *“entre os animais, o limite da ação destrutiva está inscrito no próprio instinto”*.<sup>30</sup> O que é muito importante para delimitar a violência da questão apenas instintiva, já que no humano as questões se colocam de outro modo.

Até então vimos que as diferenças entre as ações dos Deuses, dos heróis e dos simples mortais, se dão não na questão de sentir a culpa, ou não, pelo ato feito. Os Deuses são aqueles que não possuem regras, eles não temem nada, pois nada pode condená-los. Isso muda em relação ao ser humano, que deve obedecer as regras que foram criadas para conseguirem conviver com um mínimo de organização. O que me faz pensar no próximo item: a Culpa. Algo importante que não foi desenvolvido até então, é que:

*“a culpa é uma resposta à infração do que se supõe seja uma norma reconhecida; não é apenas um forte sentimento negativo. Para transformar alguma coisa em tabu faz-se necessário um conjunto estabelecido de arranjos institucionais; numa situação em que por hipótese as únicas formas estabelecidas de comunicação prática são as expressões da vontade pessoal, como poderiam existir tais arranjos institucionais? Um contrato só pode ser feito quando a instituição do prometer e as normas referentes ao cumprimento de promessas são estabelecidas (grifo nossos)”*.<sup>31</sup>

Pensando em filmes que tentam retratar a humanidade sem as leis e cumprimentos delas, vemos que o homem perde a sua humanidade, porque retornar a um “estado animal” é insuportável, onde se visuará apenas a sobrevivência e a procriação de maneira mais primitiva.

Para que o ser humano não torne se violento,

*“é preciso que as violências passadas estejam, de alguma maneira, encarnada na vítima emissária, é preciso que já exista uma espécie de transferência*

---

<sup>29</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 39

<sup>30</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 59

<sup>31</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 47

*coletiva que faça temer o retorno à força, desta vítima, na vítima vingadora que une todo grupo em torno de uma vontade comum de impedir esta experiência terrificante”.*<sup>32</sup>

Com isso, cada um pode conviver com os outros com um mínimo de segurança, pois, se nem isso houvesse, não haveriam muitos limites para os atos de cada um, se reproduziria o que os Deuses faziam com os humanos: eles apenas faziam, não tinha leis que os impedissem, ou que os orientassem para uma atitude mais refletida, regrada. Com isso podemos dizer que a violência é algo humano, algo que somente eles possuem, já que é algo definido, inserido na cultura tendo nesta um lugar.

Uma outra questão que me vem é entender o motivo pelo qual nos sentimos gratificados ao jogarmos jogos eletrônicos violentos. Acredito que, num primeiro momento, venha a culpa, mas depois o prazer. Não pensando somente em jogos de lutas, mas outros como “Carmaggedon”, cujo objetivo é correr e atropelar pessoa, para ter maior número de pontos acumulados. Ou então, GTA, no qual as pessoas fazem parte da máfia. Fico a pensar que seria, justamente, o local em que as pessoas podem ser o que não são, extrapolar todas as violências dentro delas de uma maneira segura, pois não infringem a lei, se não imaginariamente portanto não são castigadas pela intenção, que não se transformou em ato efetivo. Fico pensando também no que Jurandir coloca em uma das passagens do livro que tomamos como referência: *“Nos revoltamos contra a violência porque sabemos que nada que o homem fez e que o torna humano nasceu da violência e sim contra ela”.*<sup>33</sup> Não que isso seja uma resposta para o que acabo de levantar, acho que deve ter muitas coisas, além destas que ele levanta e, além disso, que envolvem a fantasia da imortalidade, o desejo de transgredir, e outros que a eles se ligam.

Jurandir descreve uma pessoa que teve problemas com a justiça legal e com o uso de drogas e faz uma análise da violência que acomete o caso em si.

*“Em nossa opinião, Y. forjou sua identidade de “drogado” e “delinqüente” como meio de escapar à violência. Neste sentido, sua experiência, curiosamente, assemelha-se à do impostor. A delinqüência como a impostura são identidades geradas pelas posições diversas diante daquilo que lhes deu origem. O impostor, em sua clássica caracterização psicanalítica, apropria-se da técnica da violência, subordinando-a a seus propósitos. Na impostura, o sujeito é o mestre, a violência, o escravo”.*<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 107

<sup>33</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 108

<sup>34</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 124

O que me chama a atenção é o fato do controle; a violência é algo tão aterrorizante que a pessoa tenta controlá-la. O que se transforma em um ciclo e o ego sai perdendo em meio às tentativas de defesas: motivo pelo qual, a violência é algo importante de se dar ouvidos, de olhar para ela e entrar nela e dela sair de forma mutável, torná-la parte de nós, no sentido de não querer brincar com o quê não estamos vendo.

Além de poder ser uma impostura, ela pode ser um cartão de identidade. Pensando no filme “Cidade de Deus”, o personagem Dadinho<sup>35</sup>, muda seu nome, assim muda seu status, sua identidade. O significado da mudança de nome tem o sentido de deixar o velho, aquele que não era bom, para mudar para o mal. Seria uma metáfora de transição e não a apropriação do próprio nome, tendo que mudá-lo para conseguir suportar toda aquela violência, como que desconstruindo a própria identidade, sua integridade, mas construindo outra. Aquela por meio do qual possa suportar a todas a violência que o ameaçam.

Porém, o preço que ele paga é o preço da própria vida integrada, ele deixa o espaço seguro da lei, infringindo uma das primeiras leis: “não matarás”. A partir deste momento, ele deixa de estar seguro, pois a qualquer momento poderá ser morto, tornando-se presa do próprio ato.

Outra questão que atravessa este trabalho é sobre o consentimento; apesar de não ter uma definição desta palavra, penso que devemos ter muito cuidado com ela. Seria um permitir dentro das regras, porém, é muito tênue e delicada a idéia de consentimento. Ele seria como uma membrana bem fina, que pode se romper com um gesto mais bruto, mais forte.

Depois de tudo o que foi exposto neste breve capítulo, fiquei pensando, quem seria o sujeito violentado, para poder entender como funciona, não somente a violência como é mostrada, mas como cada individuo pode senti-la. A intenção não é fechar numa definição, ou colocar a pessoa como vítima, mas poder fazer uma melhor leitura de quem é violento e de quem é violentado e como sair desta lógica que muitas vezes é cíclica, dificultando o entendimento da violência como um todo. “*O sujeito violentado é o sujeito que sabe ou virá a saber, sente ou virá a sentir, que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico*”.<sup>36</sup> Como dito, a pessoa sobreviveria muito bem sem essa ação que sofre ou sofreu, pois não é necessária para o desenvolvimento individual.

---

<sup>35</sup> É uma personagem que cresce no meio da violência esse momento da troca de nome é importante, pois é o momento que ele se mistura com a violência e o antigo não suportaria a nova identidade.

<sup>36</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 125

*“Porém, nem todo trauma é violento. A fantasia da sedução, por exemplo, é traumática mas não é em si violenta”.*<sup>37</sup>.É importante delimitar um pouco mais os domínios da violência, pois podemos cair no erro de colocar tudo como violento e perdemos o foco inicial.

---

<sup>37</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 120

## Capítulo III

### Era uma vez: As Histórias

A violência está presente em todos os lugares, assim como nas histórias em quadrinhos, em diversas perspectivas. Algumas mais aparentes, como em "Sim City", (escrito por Frank Miller, são revistas que contam sobre personagens, tais como prostitutas, policiais, bandidos e outros), consideradas por muitos como um modo agressivo, mas simbólico de contar as histórias, como também o mangá Akira, que conta a história de gangues e das deformações de uma das personagens. Ou mesmo a própria Mônica, ou Cebolinha com suas provocações e o Cascão com seu cheiro (personagens de Mauricio de Sousa, que se relacionam em ambientes fantásticos, mas com símbolos bem reais, como os de times de futebol existentes, publicado no Brasil desde 1959, desde a publicação de Bidu, na Folha de São Paulo).

Podemos pensar nos limites humanos: cada um tem seu limite, corporal e mental. Há pessoas também que não tem e/ou não sabem direito dos limites próprios e alheios, pessoas que por algum motivo não conseguem sentir mais claramente sua distinção dos outros. Normalmente, estas pessoas são vistas como inconvenientes, que cometem muitas violências físicas e mentais com o outro. Pessoas que fogem do que se chama padrão da normalidade, que mostram a decadência de um indivíduo, que pode ser tanto psíquica quanto econômica, ou seja, um mendigo que dorme na calçada, que pede esmola cheirando a excremento, ou alguma doença mental que evoca esta sensação. A fragilidade do humano, os "loucos" dentro de manicômios, trancados, contidos, desnecessariamente. A precariedade da vida, o não reconhecimento da humanidade nestes indivíduos, que podem estar nos dois grupos anteriores e, mais, talvez, os pedintes de farol. Na grande maioria das vezes, os outros preferem excluí-las da sociedade, para interditar tal violência, uma vez que estas pessoas movimentam muita energia daqueles que transitam no eixo da dita normalidade. Um exemplo disso seria uma pessoa em trapos, com mau hálito, pedindo esmola no farol. Muitas vezes, quem escuta o pedido, se escuta, fecha o vidro em geral antes da pessoa começar a falar, olhando para o lado, no desejo de que a pessoa pare ou não comece a falar com ela. Elas se sentem tão violentadas internamente que o primeiro movimento é a exclusão do estímulo externo, fechando o vidro, não olhando para o rosto do locutor, entre outras práticas, mas, uma vez tocada, ela permanecerá lá por toda a vida, se a energia que essa violência tomou não retornar saudavelmente para o corpo, ela continuará com as sensações e elas poderão se cristalizar em algo patológico e/ou<sup>36</sup>

corpóreo. Este comportamento de não escutar o outro que na esquina pede alguns centavos, ou que oferta coisas para vender, pode se expandir para relações com os demais outros que nos cercam, como não escutar o filho/a, namorado/a, noivo/a, primo/a. Penso que a nossa sociedade sofre de carência de escuta, de olhar nos olhos, de deixar o outro falar e se apropriar disso. Cometemos algumas violências nisso, não respeitar o que o outro traz, não se colocar como indivíduo único, mas como uma mais, um que não escuta e desconsidera totalmente o indivíduo, reduzindo-o a nada.

Quando não se escuta e quando não damos a devida atenção para o que o outro traz, mesmo que aparentemente não seja muito, não elaboramos esta violência, que se perde em alguma instância psíquica. Isto fica mais clara tomando como exemplo uma pessoa que não elabora o luto como deveria. Esta pode ficar sofrendo durante anos à fio. A princípio, a morte pode ter sido muito tranqüila (uso esta palavra por falta de outra, mas no sentido de ser natural e não acidental) mas para a pessoa em questão, esta morte foi de uma violência tal, que, entrar em contato com essa violência interna, esta pode ser tão doloroso quanto fechar a porta na cara de uma pessoa, quanto um sentimento de exclusão.

Como ocorre no episódio mitológico grego entre os irmãos,

*"Tiestes regressou a Micenas convidado por Atreu, que afirmava sua vontade de fazer as pazes com ele. Foi acolhido com um suntuoso banquete. Numa grande tripode de bronze ferviam pedaços de carne branca em quantidade. Atreu escolheu alguns e ofereceu-os ao irmão, com um olhar fixo que permaneceu exemplar: desde então, fala-se de "olhos de Atreu". No final do banquete, Atreu mandou entrar um servo. Ele se apresentou com um prato cheio de mãos e pés humanos. Tiestes entendeu que acabava de comer a carne de seus filhos. Com um pontapé virou a mesa. Amaldiçoou a estirpe de Atreu".<sup>38</sup>*

Mais à frente ele fará atos vingativos contra o próprio irmão.

Uma outra violência se encontra no ato de tirar a liberdade, ou tirar a identidade de um indivíduo. Exemplo disso seriam as pessoas que se tornaram escravas de outras, deixando até de ter um nome próprio, para seguir sua vida com outro nome que não lhe serve, com outra identidade que não a que nasceu, com algo que não a identifica, mas que aceita pela falta de possibilidades de ser. Ou, quando uma pessoa deixa de ser um Antonio, José, João, para ser o esquizofrênico, o doido varrido das ruas sujas, o mendigo, o trambolho, o problema, o pivete, o bandido.

---

<sup>38</sup> Calasso, R. - As núpcias de Cadmo e Harmonia, 1996, Companhia das letras

*"De acordo com a moral adulta, quanto mais longo um aprisionamento, mais grato o prisioneiro deveria ficar à pessoa que o libertasse. Mas não é assim que o gênio o descreve: enquanto ficou confinado na garrafa durante os primeiros cem anos, ele "disse de si para si, 'Tornarei rico para sempre aquele que me soltar. Mas o século todo se passou e, uma vez que ninguém me liberou, eu adentrei os cem anos seguintes dizendo 'Aquele que me soltar eu facultarei os tesouros da terra.' Mais uma vez ninguém me libertou, e quatrocentos anos se passaram. Então eu disse: 'Aquele que me soltar, eu satisfarei três desejos'. Mas ninguém me libertou. Tive, em consequência, um grande acesso de cólera e disse para mim mesmo; 'De agora em diante, matarei aquele que me soltar...'".<sup>39</sup>*

**Temos que:**

*É exatamente assim que a criança pequena se sente ao ser "abandonada". Inicialmente pensa consigo mesma o quão feliz ficaria quando sua mãe voltar; ou, se mandada para seu quarto, o quão contente ficaria quando recebesse permissão para sair novamente, e como recompensará a mãe. Mas, à medida que o tempo passa, a criança fica cada vez mais zangada, e fantasia a terrível vingança que exercerá sobre aqueles que a abandonaram".<sup>40</sup>*

Tanto a questão do abandono quanto a questão da punição é uma das formas tomadas pela violência.

É interessante notar em "A Viagem de Chiriro" (animação de Hayao Miyazaki, 2001), que conta a história de uma menina que está de mudança, e seus pais se perdem no meio do caminho. Sua aventura começa quando os pais se transformaram em porcos, e ela conhece um garoto que a ajuda; este garoto era um rio que perdeu o nome, virando escravo da bruxa que gerência o castelo, tirando o que ele tem de mais individual, dele mesmo, e renomeando-o por um ideograma que possui em seu nome. Neste caso parece ser mesmo pior que trocar o nome inteiro, uma vez que este faz parte do todo, mas sua existência se resume à metade. Torna-se escravo da bruxa Obaba, perdendo sua identidade como indivíduo completo, livre, e se tornando escravo, sem sua origem, seu nome, sua identidade. Quando Chiriro chega no castelo, seu nome é trocado, mas Haku, o rio que perdeu a identidade, lhe entrega o nome verdadeiro, para que ela se esqueça e nunca seja escrava da bruxa, para ela continuar a ser o que ela é. Para

---

<sup>39</sup> Bettelheim, B. - A psicanálise dos contos de fadas, 2007, Paz e Terra, p 42

<sup>40</sup> Bettelheim, B. - A psicanálise dos contos de fadas, 2007, Paz e Terra, p 42

não abandonar os pais que a abandonaram, no momento em que viraram porcos, ao comerem a comida daquele lugar.

Não precisamos ir muito longe: podemos olhar para a realidade próxima, quando pessoas são seqüestradas, elas se tornam objetos de troca. Muitas vezes estas pessoas são mutiladas, marcadas por seus agressores para o resto da vida. Podemos observar também os presos de guerras, que não possuem direito algum, eles estão muitas vezes vivos porque suas vidas são mais valiosas como objeto de troca, e não por ela ser algo importante para ambas às partes, pois para quem as seqüestrou, eles podem matar e seqüestrar outras pessoas, não importando a vida em si. Estas pessoas ficam à dispor dos interesses de seu dominador.

Isso não acontece apenas nas guerras, mas é justamente nelas que aparentemente estes aspectos se mostram. Ficam mais evidentes. Pensar estas questões e não conseguir elaborá-las, pode levar a desgaste psíquico. Motivo pelo qual o ser humano, desde o tempo das cavernas, desenhava nas pedras os animais que desejava caçar. A arte tem um papel muito importante e fundamental na vida das pessoas. Por meio dela, cada um pode, fazendo ou olhando, se identificar ou depositar estas questões que estão presente em todos os momentos de nossas vidas. A arte não é simplesmente uma elaboração plástica, mas uma elaboração individual, já que as pessoas ao poderem dizer o quão grande a Monalisa de Da Vinci parecia ser e o quanto ela realmente é, refletem a si mesmas.

Um fato que aconteceu, e que de certa maneira acontece, são as segregações religiosas. Durante a história da humanidade, as pessoas foram perseguidas por possuírem religiões diferentes, por terem ideais diferentes. Algo marcante foram as Cruzadas, que assinalou o avanço militar cristão sobre os mouros. Ou os Judeus sendo caçados pelos nazistas, ou os jesuítas convertendo os índios por acreditar que eles eram subdesenvolvidos e primatas: não precisamos ir tão longe na História. Não seria estranho lembrar de pessoas que, por vezes, batem à sua porta e pedem para serem ouvidas, mas nem sempre as escutamos: vão falando de maneira a que as outras pessoas se convertam para sua religião, como se esta fosse uma mercadoria, não importando muito se a pessoa com quem falam é religiosa ou não. Ou os trabalhos voluntários na África que tem como base a religião: eles vão para lá para converter os "primatas", acreditando que seja esta a saída ideal para essas pessoas, porém acabam por não respeitar a cultura local, ou seja, equivocam-se quantos aos valores que estão em jogo.

Tenho que voltar um pouco. Levantei alguns pontos nos quais posso diferenciar o que é violência, propriamente dita. Volto à questão da diferenciação da agressão e violência e de outras, mas esta vira e mexe volta, pois sem esta diferenciação posso acabar cometendo alguns equívocos e me desviando do programa inicial, por uma questão de não reconhecimentos das palavras, pois tudo pode se transformar em violência, porém nem tudo que é agressivo é

necessariamente violento. Voltando para a questão da física, das moléculas, da pessoa que começa a se movimentar, ela é de certa maneira agressiva, pois se movimentar está fortemente ligado à sobrevivência da própria pessoa. Ela é movida por algo, sempre na direção de um objeto em questão, como: comida, brinquedo, trabalho, dinheiro etc. Uma pulsão é algo que tem seu objeto e objetivo bem definido, mas tanto o objeto quanto objetivo original da pulsão pode se modificar, ampliando suas metas, buscando outros destinos para seus desejos originários.

Há algo que faz o organismo em questão sobreviver e viver, algo que necessita ser um tanto agressivo para continuar. Podemos relacionar isso com os animais ou a nós mesmos, quando estamos acuados: - neste momento, algo que vem de dentro, a vontade de viver é muito forte, fazendo com que a pessoa perca a consciência do que está fazendo, e agindo de forma inesperada. Nossos atos se tornam agressivos, tanto para fugir, quanto para lutar; nesses momentos, muitas vezes, a força parece ser fora do comum, muito maior do que de costume, podemos levantar kilogramas e mais kilogramas para salvar uma pessoa amada, ou outras coisas desse gênero. A vida chama. Nesses momentos somos capazes de matar leões, nos jogar na frente de um carro para salvar alguém, ou, até mesmo, de ficar parado, petrificado com o medo de perder o que é de mais valia para nós.

Está pulsão está indo em direção do desejo da pessoa, ela está assumindo o desejo dela, assim podemos dizer que trata-se da pulsão de vida.

Seria a agressividade um bem necessário para o ser humano, e a violências não? A agressividade estaria ligada apenas às questões de sobrevivência? Ou teria outra lógica para a mesma? Se isso é verdade, haveria algum momento em que a agressividade se tornaria violência? Como apontado, no caso de se estar acuado, os indivíduos em questão teriam que ter pelo menos um pouco de agressividade para poder sair desta situação com vida. Mas ao analisar os atos heróicos dos gregos, seriam eles demonstrativos de uma agressividade apenas, ou ela estaria atrelada à violência, já que muitas vezes, os heróis entram na guerra sem saber muito o porquê, simplesmente por um ato impulsivo. Seria também o assassino de aluguel, que mata pela sua própria sobrevivência, um herói? Ele se apropria apenas de agressividade, pois neste caso, ele estaria matando para sua sobrevivência, seu trabalho, mas existe uma lei que regula esta possibilidade, a primeira das leis, que é: "não matarás". Quando a lei é infringida o sujeito não está mais seguro. Sua vida está em risco, e o assassino de aluguel que está necessariamente fora da lei, pode ser morto a qualquer hora.

Quando exponho isso, lembro-me da animação chamada "Noir" que conta a história de duas mulheres que são assassinas de aluguel, ou seja, a vida delas se resume em matar pessoas que não conhecem, em troca de dinheiro. Elas foram treinadas para matar, o que é muito parecido com os espartanos que nasceram para a lutar.

Ambos têm a possibilidade da escolha em seguir este caminho, ou não, mas ao

mesmo tempo, acredito que essa foi a única maneira que eles aprenderam a lidar com a própria vida, é assim que eles olham para o mundo. Por não conhecerem outras possibilidades de ser, deixar de ser isso, o que eles aprenderam a ser, experimentam uma vivência que poderia ser pior que a morte física.

Os espartanos eram guerreiros, e tinham reconhecimento e orgulho deste papel, porém, os assassinos não, eles nascem, crescem, morrem como nada. Infringindo as leis o tempo todo, eles se transformam em “coisa”, perdendo sua identidade, não podendo viver na legitimidade de ser humano. Tornando se escravo do próprio ato, do medo de ser morto e caçado a qualquer momento. Permanecem no anonimato para não sofrer a punição por ter tirado uma vida.

No desenho em questão, quando um assassino morre, é enterrando como um indigente, sua história é apagada, seu existir é inexistente. Seu futuro é ser um nada. Esta relação se mostra sendo como: eu mato estas pessoas, conhecidas ou não, para poder tomar sua vida e tentar assim ser alguém de verdade.

Os assassinos são extremamente violentos, pois eles não permitem que o outro siga sua vida, eles a rompem de forma abrupta, deixando uma família totalmente desestruturada. São marcos violentos que deixam sinais INDELEVEIS em cada pessoa.

São marcos nas histórias individuais, que são deixados de maneiras violentas, mas há eventos históricos que tem significados traumáticos nas massas, que marcam mudanças drástica da história mundial. Pensando nas Grandes Guerras, temos um exemplo disso quando os EUA jogaram as bombas atômicas em Hiroshima/ Nagasaki, finalizando a guerra para o mundo, mostrando o poder atômico de destruição e deformação em massa. Podemos observar outros marcos importantes na historia. Nesse momento gostaria de lembrar de um em especial que seria a famosa Guerra de Tróia, que marca uma ruptura, assim como as bombas atômicas o fizeram.

A Guerra de Tróia é o marco onde tudo acaba, o tempo dos heróis e dos Deuses. A guerra acontece para limpar um mundo fantástico de heróis, uma vez que sem a morte de todas essas figuras, inumanas, não teria espaço para outros tipos de ser no mundo.

*“Talvez a culpa dos heróis não fosse tanto a de pisar a Terra, mas sim a de destacar-se dela. Os heróis foram os primeiros que esquadriharam a terra diante deles, como um objeto. E como um objeto a golpearam”<sup>41</sup>. “Os heróis se exterminaram sob as muralhas de Tróia não apenas porque Zeus queria aliviar a terra, mas porque os próprios heróis não conseguiam mais suportar aquela forma de vida e, com mudo consenso, preferiram buscar a morte numa ocasião comum. As pelejas de Tróia foram também um sanguíário banquete*

---

<sup>41</sup> Calasso, R. - As núpcias de Cadmo e Harmonia, ano: 1996, Companhia das letras, p 245

Pode-se aqui fazer um paralelo com a mini-série “Zero Hora”, que conta a história da decadência forçada de alguns heróis da velha guarda, para assim abrir espaço para a nova geração. Fazia tempo que estes heróis estavam lutando contra os crimes e injustiças, mas eles também se cansaram, se tornaram mais velhos, aquele mundo deixou de ter sentido, já que eles tiveram que enfrenta-se com suas limitações físicas. Viver as lembranças de que um dia foram alguém importante, inclusive numa sociedade como a atual, que a sabedoria da vivência não é vista como algo de valor, parece ser insuportável para os heróis. Não somente para os heróis, mas percebe-se que a figura do idoso não é valorizada, deixando pessoas serem categorizadas enquanto “velhos”, sem valor, como se fossem um peso para a sociedade que deve cuidar deles. Perdem seu valor de produção. Ficam marginalizados, sofrendo da exclusão social, de um tipo de violência, de um não reconhecimento de suas capacidades e experiências. Sensação esta que remete que somos descartáveis, substituíveis, podemos ir para a lata do lixo a qualquer instante, mesmo que a gente acredite ser capaz de fazer o que nos pedem, também sabemos que se houver alguém melhor habilitado no sentido de rapidez, acabamos por sermos substituídos.

É interessante que em países em que a sabedoria das experiências de vida são valorizadas, não existe o mal de Alzheimer, a doença do esquecimento. Não posso afirmar com dados precisos, mas o Japão, onde se costuma dar mais valor a experiência, isso não acontece, porém fico a pensar se isso não mudará com a entrada da cultura ocidental, da maneira como está acontecendo. Lembro de conversas com japoneses (do Japão) e eles me dizendo que era vergonhoso cantar músicas folclóricas e contar mitos japoneses. Acredito que a amostra foi muito pequena, mas é algo que chama a atenção. Como se o antigo fosse ruim e o tecnológico, o moderno, seja bom.

Falei da pulsão de vida, acredito ter que pelo menos falar um pouco da pulsão de morte, pois ela não deixa de ser também uma violência. A pulsão de morte está mais ligada à negação do desejo. Pode ser o desejo de continuar a viver, de comer, de sobreviver entre outros exemplos mais. A pessoa não consegue reconhecer em si o próprio desejo, e muitas vezes não consegue assumir isto, algo que os heróis, aparentemente desconhecem. Eles são movidos pelo desejo, não importando o fato, se ele é digno ou não. Os deuses são puro desejo também, tudo o que eles desejam, eles fazem. Utilizam-se da violência para ir atrás dos próprios desejos, eles violentam todas as mulheres humanas, deusas e ninfas. Eles cometem a violência e não tem nenhum problema com o remorso, eles apenas fazem, eles apenas mostram, não tem uma

---

<sup>42</sup> Calasso, R. - As núpcias de Cadmo e Harmonia, ano: 1996, Companhia das letras, p 233

questão moral por trás das suas ações. Para eles não interessa se o humano está consentindo, ou não, com os atos executados por eles.

Outra questão que me veio é algo que permeia a sociedade dos remédios milagrosos. Não sou contra a medicação em si, sou sim contra a medicação equivocada, a medicação sem a escuta necessária. Pensar nas crianças que são dopadas por remédios fortes, se tornando quase um boneco, ou uma samambaia dentro de casa, pois está sendo diagnosticado como “hiperativo”. Provavelmente antes dos remédios milagrosos, as pessoas lidavam com a “hiperatividade” dos filhos de uma outra maneira. Podemos ir até mais longe com esta idéia, podemos dizer que antes, as crianças tinham terra para pisar, amassar, cair, elas tinham árvores para subir, cair, ficar presas, tinham espaço físico para correr e gastar energia. Elas poderiam ser elas, podiam se expressar na natureza, diferentemente do que acontece nos dias atuais. Muitas vezes, elas ficam dentro de casa o tempo todo, não tem contato com a natureza, a não ser com algumas plantas, em vasos; outras ficam em frente ao vídeo game por horas, ou não tem um horário regrado, com isso no horário de dormir elas ficam agitadas, pois estão excitadas com o vídeo game, ou jogos, logo antes de irem para cama.

Ou então, as pessoas que estão tristes e tomam anti-depressivos para deixar a vida mais colorida, fazendo com que a tristeza se transforme em depressão. Atualmente há muitos depressivos e poucas pessoas tristes e antes era muita tristeza para pouca depressão, portanto algo soa estranho.

A generalização do sentimento de tristeza pode trazer alguns danos para os indivíduos, pois se as pessoas tratarem a tristeza como depressão, nunca darão o valor real para o que estão sentindo naquele momento.

Trancafia-se o sentimento em algum lugar, isto parece ser o alvo de uma sociedade perfeita, uma sociedade da felicidade, uma sociedade que nega a tristeza como algo verdadeiro e consistente, algo para ser sentido, algo para ser trabalhado, algo natural. Assim como a violência, a tristeza também parece ser uma palavra proibida, ninguém quer falar sobre a própria tristeza, ninguém quer sentir a dor de perder alguém, de estar solitário, de não ser capaz, de ser impotente para os desafios do mundo.

Difícil colocar a questão da medicação, pois não são todas as pessoas, que tem a visão da pílula perfeita, que tira todos os problemas, mas uma grande maioria têm como solução a aspirina quando tem uma pequena dor de cabeça, sem saber o verdadeiro significado do mesmo. Uma busca pela cura rápida e que proporciona mais a “felicidade” (melhor dizendo a falta de sentir). O remédio mal prescrito é aquele que apaga a beleza do indivíduo. Pois estes remédios violentam a tristeza. Alguns médicos dizem ser depressão algo que o incomoda, algo de legítimo, algo que condiz com a nossa existência, algo que está muito próximo do morrer. Impedindo as pessoas de se expressarem, violenta-se o corpo, tanto no físico, quanto no

mental, não respeitando a própria pessoa, e tornando a incapaz de processar isso. O problema não é estancar o sentimento, mas estancar por não saber e não pelo menos tentar atuar nessa perspectiva, tentar reconhecer como legítimo, acreditar nas potencialidades da pessoa e não apenas dar um manual de instruções de como funcionar na fase em que se encontra.

Normalmente a violência é vista como algo tenebroso, e, se assim olharmos apenas para o lado negativo, melhor dizendo, destrutivo, no pior dos significados, nesse momento de estar questionando a violência bruta, aquela que faz mal, aquela que causa um dano para o outro, uma questão que se abre é: Como quebrar o ciclo da violência? Em alguns casos, a violência aparece como algo que gira em torno de uma pessoa, posta em questão. Assim, é com Baiken, que na verdade é Kouhei, lutando com Musashi, por vontade própria, consentindo que poderia morrer lutando como um digno samurai. Eles estão no momento decisivo, ele tem seus dedos cortados e está gravemente ferido, ele deixa o orgulho de samurai e diz: *“já estou livre do círculo vicioso da matança”*<sup>43</sup>, neste momento, ele não pode mais empunhar uma espada, saindo daquela condição de manter-se na ativa, na violência, tirando vidas. Qual seria a melhor maneira de romper com a violência, sem ser a morte, ou a amputação de membros? Após a decisão de deixar o caminho da espada, Kouhei vai viver com a pessoa que ele escolheu viver, entendendo o amor que sentia pela pessoa com quem estava vivendo durante os últimos tempos. Musashi se questiona se ele teria coragem de pedir ao seu inimigo para salvar a sua vida. (Mangá que se reporta à época medieval Japonesa, 1584.)

Como dialogar com a violência? Esta é outra questão que me chama a atenção. Isto me lembra um trabalho de orientação profissional que participei, em que trabalhava com adolescentes de classe social baixa. Dispus uns papéis com as características das possíveis profissões, (no caso foram usados definições do Silvio Bock). Os rapazes escolheram a seguinte frase: “Criam e/ou executam obras de arte ou divertimento” questiono o motivo da escolha. Naquele dia houve o jogo Corinthians contra Palmeiras, assim, completaram a frase, “vamos executar Palmeirenses”, fiquei meio perdido, pois era uma coisa que eu não esperava. Tentei modificar o verbo executar por outro, porém eles mudaram a frase para dar o mesmo sentido. Desde modo, eu não estava dialogando com a violência, mas fugindo dela, assim como muitas pessoas já o fizeram. Neste momento, decidi encarar, desafiei-os a falar sobre como executar um possível Palmeirense. Eles falavam de métodos já conhecidos e eu enfatizei que deveriam ser criativos, e que tudo o que eles haviam falado, alguém já havia feito. Depois de um tempo eles voltaram a falar sobre o que eu realmente queria. Penso que dialogar com a violência é aceitá-la de princípio para entender o que ela nos traz, muitas vezes, a violência aparece como uma forma de defesa, outras por se não saber outra maneira de agir, outras por

---

<sup>43</sup> Inoue, T. - Vagabond, v 26, editora Conrad, 2004

rebeldia; ela nos diz algo e temos que ouvir o que ela diz, para que ela não se torne crônica.

Até que ponto pode acontecer da violência institucional se transformar em individual e quais são as modificações que remetem a isso? A mídia tem focado bastante este assunto, mostrando que as pessoas estão se transformando em monstros e até que ponto isso não ajuda a formar uma sociedade? Pensando que na época que J. W. Goethe escreveu "*O Sofrimento do Jovem Werther*", muitos alemães cometeram suicídio após a leitura deste livro, sendo, que, na época, este livro chamou muita atenção. Goethe influenciou uma geração com um livro, que não tem uma distribuição de massa, assim como hoje.

O significa isso? Isto seria essencial para a nossa existência? A violência faz parte de nossas vidas, mas ela está em nós o tempo todo?

Se pensarmos nos "X-Men" pode-se perceber que está permeado de violência, com a segregação, como caracterizada pelo pré-conceito, dos humanos pelos mutantes, também humanos, porém marcados por uma mutação genética. Assim como em "Smallville" (seriado da Warner Bros), cidade em que o Super-homem cresceu, as pessoas que tinham super poderes, por terem sido contaminados pela irradiação dos meteoros de "Cripton", são tidas como aberrações e muitas vezes são caçadas pelos ditos normais, pelo puro medo do desconhecido, do que foge a norma. Mesmo o próprio Super-homem, Clark Kent, precisa se disfarçar para não ser discriminado, mesmo que ele salve o mundo. Como se ele tivesse uma doença.

Esta percepção de doença fica mais clara nos "X-Men", porque eles, muitas vezes, têm diferenças físicas, que ficam a mostra, com isso. Eles, muitas vezes, precisam se esconder das outras pessoas, por elas não suportarem esta diferença. Muitas vezes, este não suportar aparece em forma de exclusão ou agressões contra as pessoas, que, de alguma forma, se destacam por conta desta "mutação", que são os valentões que segregam os mais fracos de forma violenta, normalmente causando a humilhação do agredido. Nos "X-men", apesar deles serem excluídos da sociedade, eles se mantêm em comunidade e, além disso, eles protegem aqueles que os segregam, pelo ideal de Charles Xavier. Ao contrario do grupo liderado por Magneto, que sofreu e ainda sofre pela rejeição.

A guerra entre os grupos, opõe os "humanos" contras os mutantes e os mutantes entre si. São as diferentes tribos e dentre elas parece não haver muito diálogo, e união, pois normalmente são vistos como traíras, assim como quando um grupo de adolescentes perde um amigo por uma mulher, eles se sentem traídos, excluídos e o casal se auto-exclue também para se conhecer melhor, porém muitos criticam o companheiro que trocou, que mudou, que está estranho, que está mutante, que está mudado.

Não é de se estranhar que "X-Men" seja um quadrinho para o publico adolescente. Estes estão assim como os mutantes, numa época de transição, fato que o restante das pessoas parece não entendê-los, por serem diferentes, por estarem num momento de

desconhecimento próprio. Eles lutam para o reconhecimento e aprovação, para serem o que são. A sociedade, muitas vezes, não consegue aceitar estas pessoas em transição, excluindo-as.

A modernidade consegue abafar estas mudanças, buscando normatizar os excluídos. Eles transformam os movimentos adolescentes em produtos de consumo, acreditando que isso pode deixar o adolescente mais controlado, porém, dentro de um corpo adolescente, corre uma energia, algumas vezes descontrolada. Os super poderes dos mutantes mais novos, são equivalentes às novas potencialidades de ser que o adolescente experimenta em seus questionamentos; ambos estão tentando descobrir como o novo corpo funciona, pois não sabem controlá-lo ainda. Com o passar do tempo eles se acostumam, uns mais rápidos outros menos, assim como os mutantes mais velhos.

Outra questão que me vem são as chantagens emocionais, momento que uma pessoa fica presa, à mercê da outra pessoa por um motivo (crime, pecado, descontrole) pelo qual as pessoas em questão são cúmplices. Esta cumplicidade pode ser uma carta, uma foto, um objeto, algo que tenha valor imaginário ou real para destruir uma vida, uma realidade. Quando penso sobre isso, lembro do livro Primo Basílio, na questão da traição da personagem Luíza com o próprio primo.

*“Luísa ficou imóvel. Uma lagrimazinha redonda, clara, rolava-lhe pela asa do nariz Assoou-se muito doloridamente. Aquela Juliana! Aquela bisbilhoteira! De má! Para fazer cizânia!*

*Veio-lhe então uma cólera. Foi ao quarto dos engomados, atirou com a porta:*

*— Para que foi você dizer quem esteve ou quem deixou de estar?*

*Juliana, muito surpreendida, pousou o ferro:*

*— Pensei que não era segredo, minha senhora.*

*— Está claro que não! Tola! Quem lhe diz que era segredo? E para que mandou entrar? Não lhe tenho dito muitas vezes que não recebo a senhora D. Leopoldina?*

*— A senhora nunca me disse nada — replicou, toda ofendida, cheia de verdade.*

*— Mente! Cale-se!*

*Voltou-lhe as costas; veio para o quarto, muito nervosa, foi encostar-se à vidraça”<sup>44</sup>.*

(Eça de Queirós - O PRIMO BASÍLIO -Ciberfil Literatura Digital, 2002)

Juliana que nos inicio era mal-tratada pela sua patroa começa a jogar com o fato par

---

<sup>44</sup> Eça de Queirós - O PRIMO BASÍLIO -Ciberfil Literatura Digital, 2002

atacar Luíza, como se fosse uma vingança por sua situação como um todo. Ela começa então a chantagear a patroa, forçando-a a fazer todos os serviços domésticos, causando a morte da mesma. Não se pode justificar as ações de Luíza perante Juliana, porém ambas cometeram violências e elas tiveram um alto preço. Primeiramente, Luíza têm ações que rebaixam a sua serviçal, furtando-a de sua identidade, deixando-a apenas no lugar de pessoa menor, impotente, tirando-lhe todos os sonhos. Já Juliana, marcada por uma vida repleta de violência, faz com que a patroa sofra e morra. Ela não consegue perceber os próprios atos, trocando de papel, tornando-se uma tirana tal qual Luiza, que a maltratou.

Uma violência forte é aquela que não nos deixa saída, por mais que tentamos, ficamos a mercê dela. Muitas vezes, o outro reage de maneira indiferente à violência que sofre e a que cometem. Isto acontece não somente àquelas pessoas que não encontramos com muita frequência, mas com aquelas que fazem parte do nosso dia-a-dia.

A indiferença é uma questão muito complexa, pois vai depender de como a relação se dá. Quem efetivamente ignora a existência do outro e como a faz. É um fato deixa a pessoa perdida, pois a indiferença é justamente o silêncio entre duas pessoas, mas um silêncio frio, um silêncio sem um nome, um silêncio que incomoda, mas que não fica muito claro o que ocorreu para que tivesse o silêncio. Este silêncio tem um significado muito bem definido, porém apenas para a pessoa que ignora. Isso pode desestruturar as pessoas, pois ela fica a mercê da vontade alheia de querer entender a situação por completo. O mais importante de tudo isso é a questão do silêncio.

O silêncio, o vazio sem sentido, faz com que a imaginação atue de maneira intensa e dá espaço para os monstros internos crescerem, por mais que seja uma pessoa equilibrada psicologicamente, ela acaba se desestruturando. Claro que tem a possibilidade de sair para o lado, mas não aparece como sendo o caminho mais usual, se a pessoa em questão for uma pessoa importante.

A vida entre a humanidade está permeada de violência; poderia voltar e questionar se o ser humano é bom por natureza ou não, mas este não é o meu objetivo neste trabalho. Percebo o quanto estamos imersos nesta questão, mas por algum motivo tentamos nos distanciar dela ou negar a sua presença. É interessante esta disposição: de certa maneira, entendo que se ficarmos pensando e se preocupando com cada ato, ficamos paralisados, inclusive em casos extremos, e, se agirmos sem um mínimo de reflexão agiremos igual aos deuses, sem respeitar o outro, sem levar em consideração o próximo, apenas agiremos de modo irrefletido.

Os humanos tentam evitar as guerras, pois sabem que isso pode ser o fim deles, por isso, em alguns grupos, as pessoas se casam, arranjando casamentos e unindo famílias através destas uniões. Pode-se observar estes fatos na história de reis que casam com princesas e unem dois condados, ou reinos. Por vezes, o casal de amantes pode querer ficar juntos, mas

pertencem a famílias inimigas, assim como acontece em Romeu e Julieta. Eles só podem se unir na morte.

## Capítulo IV

### Heróis, para quê?

Uma questão que surge e precisa ser discutida é a necessidade de heróis, assim como nas histórias em quadrinhos, ou então aqueles sobreviverem ao tempo, ou até mesmo os anti-heróis, como o tão conhecido Charlie Brown.

Nos heróis históricos, seus atos estão arraigados na violência e nem por isso eles deixam de ocupar um espaço na vida das pessoas, mas, qual é esse papel que eles ocupam no imaginário dos indivíduos, na vida das pessoas? Pode-se perceber que a figura do herói traz consigo ações e emoções as quais as pessoas estão privadas de experimentarem no dia a dia. As pessoas não podem sair matando dragões; assim como nas histórias medievais em que aparecem dragões, ou mesmo Don Quixote, que enfrenta o moinho pensando que era um dragão; pode-se ver que ele está lutando com algo imaginário. É verdade que ele confunde algo da realidade em algo que está em seu interior, mas ele não consegue ser um herói dos contos cavaleirescos. Dir-se-ia que ele é uma vítima de tais contos.

Os heróis podem fazer coisas que a humanidade perdeu a capacidade de fazer, como levantar objetos absurdamente pesados sem que sua estrutura corporal sofra com isso; eles são de uma coragem sem limites, eles quebram todas as barreiras que se colocam durante o envelhecimento. Nossas barreiras internas vão se estruturando conforme nossas experiências, nossas decepções, nossas angústias, nossas perdas e ganhos.

*“O herói do conto de fadas tem um corpo capaz de executar feitos miraculosos. Ao identificar-se com ele, qualquer criança pode compensar em fantasia e por meio da identificação todas as inadequações, reais ou imaginárias, de seu próprio corpo. Pode fantasiar que, tal como o herói, também ela é capaz de escalar o céu, derrotar gigantes, mudar a sua aparência, tornar-se a pessoa mais poderosa ou a mais bonita – em resumo, fazer seu corpo ser e executar tudo aquilo que uma criança poderia almejar”.<sup>45</sup>*

O herói parece ter apenas uma barreira, a do pensamento. Têm momentos em que as pessoas são movidas por questões diversas, que não a do pensar. Pode-se perceber também que os povos gregos se equilibravam de maneira harmônica, enquanto em Atenas as pessoas

---

<sup>45</sup> Bettelheim, B. - A psicanálise dos contos de fadas, Paz e Terra, 2007, p 84

descobriram a arte do pensamento e deixaram a arte da guerra. Em Esparta eles ficaram especialistas em guerras, porém não demorou muito para que esse equilíbrio se rompesse e, assim, o fim da época dos gregos, pois mudando o foco histórico, deixaram de ter importância concreta.

*“Os heróis míticos oferecem excelentes imagens para o desenvolvimento do superego, mas as exigências que corporificam são tão rigorosas que desencorajam a criança nos seus esforços inexperientes para atingir a integração da personalidade. Enquanto o herói mítico vivencia uma transfiguração rumo à vida eterna no céu, a personagem central do conto de fadas vive feliz para sempre na terra, exatamente em meio ao restante de nós”.<sup>46</sup>*

Os heróis das histórias em quadrinhos, com raras exceções, são pessoas humanas, se não humanizadas, algumas destas personagens vivem eternamente na fase infantil, outros na fase áurea do porte físico, conseguindo pular de um prédio para outro, lutar contra muitos inimigos ao mesmo tempo. Suas histórias, apesar do fantástico, se relacionam com a nossa história individual, por mais potentes que as figuras deles são mostradas, eles também possuem uma identidade secreta (aqui acredito que se confunde, dependendo do herói, pois o Bruce Wayne tem como identidade secreta o Batman, Já o Super Homem, é o Clark Kent). Por vezes mostra o lado frágil da personagem em questão. Exemplo deste fato seria o Peter Parker que precisa trabalhar para sobreviver e além do mais tem suas crises adolescentes.

As personagens podem também ser como ícone de desejo, de reflexo, ou seja, algumas pessoas têm se encontram a partir destas personagens, ou de maneira identificatória eles se reconhecem em meio a personagem, certo que é uma pequena parte, mas é uma parte que lhe diz muito. Assim como acontece com maior parte das religiões. Voltando-se para as religiões, as pessoas as buscam para se encontrar, para se espelhar nos escritos que dizem muito da natureza humana, cada um com sua maneira de ver o mundo, com seus dogmas e com suas leis.

Pode-se perceber que os heróis modernos perderam as suas potencia, suas qualidades. Quem são os heróis de hoje? Se não uma dançarina, uma apresentadora de televisão, um grupo de jovens que tem sua série na televisão, um apresentador sensacionalista. Temos que lembrar de que também há heróis que muitas vezes se aproximam aos de antigamente, tanto na coragem, como na atitude, quase se tornando um mito, tal como alguns músicos, corredores de maratonas, boxeadores, esportistas em geral. Alguns esportistas que movimentaram gerações

---

<sup>46</sup> Bettelheim, B. - A psicanálise dos contos de fadas, Paz e Terra, 2007, p 56

foram, Pelé no futebol, transformando um esporte em arte, Guga no tão elitizado tênis, Ayrton Senna que se consagrou na Formula 1, trazendo novas esperanças para o Brasileiro, ou mesmo Nenê no basquete, um dos poucos brasileiros que conseguiu se consagrar na NBA, que é um esporte secundário no país, ou o Vôlei que mostrou a sua potência dentro do país do futebol.

Dentro de todas estas possibilidades que eu levantei, temos que conseguir diferenciar o que é um herói do que não é, segundo a conversa entre J. Campbell e Moyers. Eles discutem a importância dos heróis na vida das pessoas, diferem o herói das celebridades, algo que atualmente se confunde e sobrepõe, pois muitas vezes nossos heróis são as nossas celebridades:

*“MOYERS: Hoje parece que reverenciamos celebridades, não heróis.*

*CAMPBELL: Sim, e isso é muito mau. Certa vez foi feita uma pesquisa numa escola*

*secundária do Brooklin, que perguntava: “O que você gostaria de ser?” Dois terços dos*

*estudantes responderam: “Uma celebridade”. Eles não tinham noção da necessidade de dar*

*a si próprios a fim de realizar alguma coisa.*

*MOYERS: Só queriam ser conhecidos.*

*CAMPBELL: Só queriam ser conhecidos, ter fama – nome e fama. Isso é muito mau.*

*MOYERS: Mas uma sociedade precisa de heróis?*

*CAMPBELL: Sim, penso que sim.”<sup>47</sup>*

Como podemos perceber, para eles é bem claro que há uma diferença entre as duas coisas, por esse motivo, teríamos que repensar a noção de herói que temos. Uma apresentadora de televisão pode ser apenas uma celebridade. Muitas celebridades são vistas como heróis, no sentido de sair de uma condição e caminhar para outra, não importando o trajeto. Alguns músicos são de famílias que não possuem muita coisa material, mas conseguem se desenvolver e se destacar do meio do povo, o que chama a atenção e cria esperança para todas as outras pessoas. Tem gente que daria tudo para ser famoso, para ter quinze segundos de fama, em meio à cultura pop isso é prometido como possível. Vejo isto nas pessoas que eu considerava meus heróis, alguns mortos mesmo antes de eu conhecê-los, enquanto outros foram se decompondo, foram morrendo, foram se matando por não conseguirem sustentar o peso de ser um ícone.

---

<sup>47</sup> J. Campbell - O poder do Mito, Ed. Palas Athenas, 1991, p 142

Essa cultura de transmissão rápida fez com que os heróis se perdessem, não apenas os heróis mitológicos, mas os heróis modernos. Hoje, temos ícones, que andam e desvendam um tipo de estilo de vida que remete ao uso drogas, de sexo, de rock n'roll, eletrônico e outros, porém apesar de termos outros, esses são os mais visados pela mídia moderna.

Pensando no ambiente da música, houveram épocas em que a técnica era a coisa mais importante; esse era o modelo, os grandes músicos inspiravam os novos talentos, sendo os heróis, aqueles que davam o máximo de si para chegar ao auge de seu potencial. Quando eu escutava, ficava maravilhado com a técnica, com a velocidade, porém sentia a falta de algo; faltava alma para completar a técnica, diferentemente das músicas clássicas. Hoje, temos ícones, queremos um pedaço da pessoa, e não tê-la como um exemplo de como ser grande, de como ser maduro, de como ser autêntico, de como ser si mesmo. Não temos os heróis como referência para o desenvolvimento interno, mas para as aparências. Tentamos nos vestir e nos comportar para tentar ter uma imagem IGUAL e não, um ser separado, nós não incorporamos os feitos, as ações, as situações, as emoções, apenas as ações idolatradas.

Não podemos esquecer que nossos heróis podem mudar durante a vida, um exemplo pessoal disto é a série de animações Os "Simpsons". Lembro de que quando garoto eu gostava da personagem Bart Simpsons, por causa de suas traquinagens e suas atitudes eram exemplar de tudo o que não se devia fazer, e era isso mesmo o que tornava o desenho divertido. Já na minha fase adulta, o Homer Simpsons se torna o novo herói, na verdade, ele é mais um anti-herói do que um herói: têm defeitos e sua rotina se aproxima à das pessoas comuns de modo exagerado, o que deixa seus atos cômicos. Ambas as figuras têm seus atos violentos, tanto físicos como mentais. Tem-se assim, o anti-herói como o grande ícone do herói moderno, não que todos sejam assim.

*"Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e atribuições, e triunfa quando a virtude sai vitoriosa."*<sup>48</sup>

Isto se relaciona com as imagens de heróis e os diferentes tipos. Aponta a identificação das ações e os problemas que os heróis passam por sua vida. Como um exemplo estaria Peter Parker, o Homem Aranha. Os quadrinhos, por muito tempo, focaram nos problemas de um adolescente que precisa trabalhar e dividir sua vida com os estudos e sentimentos. Motivo pelo

---

<sup>48</sup> Bettelheim, B. - A psicanálise dos contos de fadas, Paz e Terra, 2007, p 16

qual, muitos de seus leitores são adolescentes. Além do mais ele tem problemas familiares, mora com a tia, e perdeu o tio num acidente pelo qual ele se culpa, por ter evitado um assaltante. Para quem gosta destas histórias e se com elas se identificam, fica a mensagem que o tio fala para o Peter antes de morrer: “*grandes poderes trazem grandes responsabilidades*”, esses poderes não são poderes extra-humanos, porém para o jovem herói, a mensagem coube e o peso da morte do tio também. Seria talvez comparado com algo que uma pessoa pode fazer, e mesmo que não a tenha efetivado, ela carrega o fardo de não ter agido corretamente.

Para ser um herói, deve-se abrir mão de algo. Nas histórias em quadrinhos, muitos dos heróis abrem mão de sua vida pessoal, amorosa, pois eles estão em risco constante; com isso eles não podem por em risco as próprias famílias. Aliás, grandes personagens surgem de uma maneira trágica, com a morte de um dos familiares, ou da família inteira. Justiceiro é um deles, um bom policial que está num parque com a família fazendo piquenique, quando uma pessoa mata a todos. Ele sobrevive e perde o rumo da vida, até se tornar o justiceiro. Ele mata aqueles possíveis assassinos de sua família. Alguns deles vivem na vingança, na melancolia de não enterrar os mortos, isso alimenta a sua sede de justiça. Assim como temos que fazer, quando temos que decidir algo. Deixamos uma das opções para desenvolver a outra, mesmo que no futuro a pessoa retome a opção que não foi escolhida, e provavelmente esta nova escolha terá outros objetos.

O herói é aquele que vive além do espaço e tempo, pode ser ele real ou inventado, pode ser ele a mistura do real e inventado, pode ser ele um mito. Ele está num tempo que não o do Cronos. Ele está eternizado em seus atos, em suas angústias, em suas ações.

Outra coisa interessante que Campbell e Moyers levantam é a distinção de um líder para um Herói, nem sempre um líder pode ser um herói e vice-versa.

*“MOYERS: Em que um herói se distingue de um líder?”*

*CAMPBELL: Esse é um problema tratado por Tolstói, em Guerra e paz. Aí você tem*

*Napoleão devastando a Europa, depois prestes a invadir a Rússia, e Tolstói levanta esta questão: É o líder realmente um líder ou simplesmente aquele que está à frente da onda?*

*Em termos psicológicos, o líder deve ser analisado como aquele que percebeu o que podia ser realizado e o fez.*

*MOYERS: Já se disse que o líder é alguém que se dá conta do inevitável e se coloca à sua frente. Napoleão foi um líder, mas não um herói no sentido de ter realizado grandes feitos em prol da humanidade. Ele o fez pela França, pela glória da França.*

*CAMPBELL: Então ele é um herói francês, não é? Esse é o problema dos tempos de hoje. Será que o herói de um determinado Estado ou povo é o que necessitamos hoje, quando devemos estar preocupados com todo o planeta? Napoleão é a contraparte oitocentista de Hitler. A devastação da Europa, por Napoleão, foi terrível.”<sup>49</sup>*

Ambos questionam o heroísmo e a liderança, o herói deixa de ser um genérico para todos os países e pessoas, para sê-lo para alguns. No caso, eles levantam os acontecimentos históricos, em que algumas pessoas encontraram um herói vivo e para outros um temido vilão, dependendo de que lado a pessoa se encontrava. Isso acontece em qualquer guerra; peguemos a Guerra de Tróia, os troianos teriam razão de querer odiar os gregos por terem massacrado seu povo de noite, porém os gregos tinham ódio por um troiano ter seqüestrado uma mulher, que era o motivo da guerra, mas o grupo todo pagou pelo ato executado por um.

Seria possível ter um líder dentro de um grupo de heróis? Quando levanto esta questão penso nos quadrinhos que são um grupo de heróis, lutando contra o mal. Em “Novos Titãs”<sup>50</sup>, o Asa Noturna (antigo Robin) visivelmente é o líder, ele comanda por ter uma habilidade de pensar estrategicamente um grupo. Do lado oposto, penso na Liga da Justiça<sup>51</sup>, do qual o Super-Homem é o líder, mas visivelmente ele o é por ser o mais poderoso, porém o cabeça do grupo é o Batman, que comanda de outra maneira, mais acostumado com a vida solitária, ajuda de forma mais discreta que o Super-homem que vai destruindo tudo à sua frente.

Estes grupos de heróis, ou eles individualmente, são os heróis dos quadrinhos e em suas histórias, são eles quem resolvem os problemas do dia-a-dia, dos quais os seres normais não conseguiram dar conta, precisando de uma ajuda.

---

<sup>49</sup> J. Campbell - O poder do mito, Ed. Palas Athenas, 1991

<sup>50</sup> Os Novos Titãs é uma revista publica pela Abril Jovem, do mundo da DC Comics. É um grupo de adolescentes que combatem o crime em sua cidade. Alguns possuem super-poderes, outros, habilidades outras.

<sup>51</sup> Outro grupo de super-heróis. Seria uma versão mais madura dos Novos Titãs. Por exemplo, Batman e Asa Noturna (Robin), Mulher Maravilha e Donna Tróia e assim por diante.

## Capítulo V

### Arte ou um ato de crueldade

Este capítulo surge de conversas sobre os e-mails que são recebidos e as pessoas são tocadas por eles. Circula nos e-mails a história de um artista, sobre o qual não se pode afirmar a veracidade, (pois no mundo virtual têm muitas invenções), que prendeu um cachorro pela coleira e o deixou morrer numa exposição ao público. Isso fora considerado arte, porém traz algumas questões. Seria isso uma violência? Para muitos isto soou como sendo violência. Vou tentar entender a idéia que estaria por detrás deste ato, que, para muitos parece insano.

Vamos voltar para a história da arte, indo das figuras rupestres até os dias de hoje. Podemos perceber que o ser humano foi se desenvolvendo conforme o tempo foi se modificando, com o desenvolvimento da intelectualidade. A arte traz muito deste desenvolvimento, apesar de ter alguns quadros que para mim não tem sentido algum, para outros fazem e isso não justifica ser arte ou não. Conforme a percepção do mundo vai se aprimorando e os detalhes se desenvolvem e se aperfeiçoam, a maneira da arte de se manifestar muda, se altera. O Renascimento é considerado uma época de grande evolução artísticas, das figuras de duas dimensões passou-se para as de três “dimensões” (o aparecimento da perspectiva). Este foi um momento de mudança na concepção do mundo, a profundidade das coisas foram aparecendo aos olhos das pessoas, foi se percebendo o relevo, as tonalidades de cores, as diferentes distâncias. Tudo isso já estava no ambiente, porém o ser humano não conseguia ver isso retratado, não tinha esta percepção.

Depois, objetos começam a fazer parte das artes, como a privada em forma de Buda, e outros. Aqui poderia se chamar artes em três dimensões.

O artista do cachorro traz uma questão na arte que não estava tão explícita, não que eu concorde com a maneira que ele demonstre, mas ele traz uma questão que não nos escapa, a quarta dimensão, o Tempo. Isso não é o suficiente para ele tirar a vida de um ser vivo.

Violência à vida? Creio que muita gente já matou milhares de formigas, baratas, sem contar os ratos, Maria-fedidas, sapos, grilos e outros, porém ninguém se revolta com isso, assim como os animais que entram em extinção, mas com o melhor amigo do homem, eles se preocupam. Muitos homens morrem todos os dias por violência, pelo conforto de alguns, mas o cachorro continua sendo algo intocável e absurdo. Muitas pessoas são trancafiadas por causas “justas” ou não, mas o cachorro não pode.

Aqui percebo que tem algo mais, uma questão de ética, no sentido de não sair

matando pelo puro prazer. Uma ética que não está em um lugar apenas, mas uma ética de saber a diferença das coisas, da necessidade. Uma coisa que perdemos é ir em busca de nossa comida viva. Vivemos num mundo que se vai aos hipermercados e se compra uma peça de carne, um peixe, vegetais, ovos e outros produtos. Deixamos de saber o que é matar um animal para a sobrevivência, deixamos de respeitá-los, tanto no sentido religioso, quanto na questão de serem seres vivos. Alguns podem alegar que isso é um efeito do aumento de população, o que pode ser real, porém matar um ser vivo por puro prazer é algo que foge da necessidade de sobrevivência.

Depois de rever o mundo pela transformação da arte e suas mudanças, ainda fica a sensação de violência, uma sensação, que nos move. Volto à questão da falta de consentimento, no caso, do animal morto. Todos devem pensar que o animal não pensa, com isso ele não consente, porém é neste ponto que o ser humano deve ser ético. Ele deve ter mais cuidado com os animais, justamente por esse motivo, pelo fato de o animal não ter o poder da voz, mas podemos até expandir esta questão considerando que as crianças também estão nestes cuidados éticos, pois eles ainda não respondem pelos próprios atos, são “infans”, os que ainda não tem voz.

Voltando um pouco ao cão, melhor amigo do Homem, antes de se tornar domesticado, ele era um canino, um lobo, um animal selvagem, aquele que não obedecia ao mando dos humanos. Ele foi se humanizando, se domesticando e o homem se tornou o lobo do homem.

O lobo deixou de ser lobo e o homem deixou de ser homem. Tudo aquilo que nos assusta de uma certa maneira tendemos a deixar de lado, ou a colocar numa caixa bem fechada para que não tenhamos que enfrentar os nossos temores, não entrar em contato novamente, para não sofrer a própria dor da impotência, da incapacidade de enfrentar o mundo; nos fechando em condomínios, em carros blindados, em casas fortificadas, em câmeras de vídeos, em algo que chamamos hoje de segurança, mas isso me remete a letra da música “Minha Alma” do grupo Rappa que diz o seguinte *“as grades do condomínio é para trazer proteção, mas também trazem a duvida se é você que está na prisão”*.<sup>52</sup>

O cachorro obedece ao homem, mas o homem obedece ao próprio homem? Uma imagem que me vem a cabeça é a do Pateta da Disney, juntamente com o Pluto, pois ambos são cachorros, mas há uma diferença visível entre eles. O Pateta parece ser o cachorro humanizado ou o humano animalizado e o Pluto apenas um cachorro. O Pateta é a imagem, assim como o nome, de um humano cômico, atrapalhado e sem muitas qualidades. Enquanto que o Pluto conquista seu dono, Mickey, pelas qualidades de um cachorro. Obedece, vai a caça,

---

<sup>52</sup> Minha Alma, O Rappa, Composição: Marcelo Yuka

apesar de em muitas aventuras ele ter problemas com a caça ou com objetos.

Que obediência é essa que o ser humano procura? É a dominação pela dominação? É ser aquele que manda? Aquele que não seja questionado? Fico a pensar o que é obedecer, como que é visto este comportamento, acredito que a idéia de obedecer, ainda está ligada com a maneira de obedecer como num exército. As pessoas devem ficar caladas, retas, em fileiras, pois assim não preciso ter trabalho para organizar tudo conforme o meu desejo, mas a Física já vai dizer que tudo tende ao caos<sup>53</sup>. O homem tenta controlar o caos, mas do caos surge questões que até então não se pode olhar; para isso deveríamos entender as questões de um ambiente estar caótico ou não. Sair do lugar de ser aquele que reclama apenas e mudar a posição e a visão da violência que se mostra, para entender o que ela está trazendo em sua autenticidade, em seu caos, em seu cerne.

## V.1 Violência como humor

A violência também pode trazer humor? Nos divertimos quando uma pessoa sofre um ato violento? Fico pensando no humor negro, aquele que normalmente deixa a pessoa, ou animal, ou planta, em foco numa posição ruim.

Lembro de desenhos antigos como o Papa-léguas e o Pica-Pau. No Papa-léguas, o próprio era caçado por um faminto e atrapalhado coioite. No desenho, assiste-se o dia inteiro o Coioite fazendo armadilhas para saciar sua fome, porém sempre acontecia algo que termina de uma maneira que ele não tinha planejado. Normalmente, a armadilha se voltava contra ele, mesmo ele não consentindo com isso. A sina dele é ser aquele que sempre perde, sempre vai estar com fome, sempre vai cair de precipícios. Aliás, era este o humor, o que fazia com que se continuasse vendo, talvez não para ver ele falhar, mas para ver se um dia ele conseguiria caçar o Papa-léguas. Visivelmente teria uma questão importante de identificação do a personagem do caçado e não do caçador.

Outros desenhos seguiam o mesmo molde, como na corrida maluca, quando o Dick Vigarista montava as armadilhas para impedir as pessoas de correrem. O que se torna cômico, pois ele tinha que correr mais que os outros para construir as armadilhas e elas sempre se voltam contra ele, ao invés dele correr e ganhar apenas; ele sempre perde por tentar trapacear.

---

<sup>53</sup> Pensando que o caos seria o universo em expansão. Acredito que do caos surge algo de novo, pois se tem um expansão há espaços para surgirem questões para as pessoas refletirem algo.

Já o Pica-pau, tem o sarcasmo em sua risada. Do que eu lembro, ele sempre tinha uma situação na qual humilhava o adversário, deixando-o numa situação desconfortável consigo mesmo. Há momentos que ele se dá mal, mas normalmente acabava o desenho com ele dando a risada de que ganhara do outro, e que ele estava por cima. Apesar da violência a criança acha graça nesses desenhos.

Outro desenho que podemos levantar seria “A caverna do Dragão” (Dungeons and Dragons, anos 80). Essa estória conta sobre um grupo de crianças que entra num parque de diversão e passam para um outro mundo, um mundo fantástico. Eles têm suas aventuras para poder voltar para a casa deles, porém, todas as vezes em que eles estavam prestes a voltar, algo acontecia no mundo fantástico que os faziam voltar, e, com isso, eles nunca conseguiram voltar. Aparentemente, eu não via violência, a não ser a das aventuras em si. O último capítulo não foi feito, ele está escrito e a versão mais divulgada é a de que eles morreram e ninguém falou para eles; com isso, seria impossível eles voltarem para as suas casas. O que eles menos desconfiavam era que a pessoa que eles mais admiravam e se apoiavam era aquele que governava aquele mundo, que para muitos seria o inferno e o Mestre dos Magos, o demônio. Já o inimigo deles, seria aquele que estava tentando avisá-los de que eles estavam mortos, mas ele tinha que fazer isso sem falar diretamente, pois as palavras não saiam.

Mesmo o querido Charlie Brown<sup>54</sup>. Com sua fala, “mas que puxa”, segue em suas histórias tentando ser um ganhador, mas isso nunca acontece. Têm momentos, em que ele está seguindo no caminho para realizar este desejo, quando algo acontece e a situação se inverte. O interessante é que o desenho animado, aqui no Brasil, ficou mais conhecido como Snoopy do que como Charlie Brown (Minduim).<sup>55</sup>

Tem muitas situações com a personagem Lucy, normalmente quando ele vai chutar a bola de futebol americano, ela a tira na hora, fazendo com que ele chute o ar, caia, e fique deitado refletindo o possível chute, se ela não tivesse tirado a bola. Ou, quando ele tem que ser o líder, mas ninguém o escuta, pois ele é o Charlie Brown, assim como muitos outros personagens ele é um perdedor, a sina dele é não conseguir, mas apesar de tudo ele continua tentando.

---

<sup>54</sup> Charlie Brown é um garoto que não faz muito sucesso entre seus amigos, com sua visão pessimista e os fatos indo contra ele, vai levando a vida conforme ela o deixa viver integrado, porém muitos acontecimentos não ajudam este garoto a ver boas perspectivas.

<sup>55</sup> Snoopy é o cachorro de estimação de Charlie Brown, porém, em muitos momentos, esses papéis se invertem, acredito que por esse motivo, o desenho animado ficou mais conhecido como Snoopy do que como Charlie Brown. Pode também ser entendido esta inversão dos nomes, por uma questão de identificação de cada indivíduo, dos próprios pais, influenciando nos idéias de seres humanos que estamos imersos nessas sociedades.

Já a Lucy gosta do garoto chamado Schroeder, porém ele tem sua atenção apenas para o piano e muitas vezes a ignora; isso quando não a agride por ela estar atrapalhando os seus estudos musicais. As atitudes se apresentam como sendo ações de crianças, mas que nos cativam pois estamos imersos nesse mundo, da rejeição, de estar aparentemente distantes de nosso dia a dia de adulto, do não reconhecimento. Apesar disso, ele continua a lutar, assim como todos.

Os livros não podem ser esquecidos, mas algo que me chama a atenção é um livro do Tim Burton *"O triste fim do pequeno menino Ostras – e outras historias"* que se constituem de contos de humor negro. Como uma das historias: *"O menino Robô"*.

*"Senhor e senhora Silva levavam uma vida sossegada./ Vida de gente normal,feliz e bem casada./ Um dia tiveram um noticia/ Que encheu o marido de contentamento:/ A mulher esperava um filho,/ E ele ia ser pai do rebento!/ Mas algo deu errado naquele mar de felicidade./ A criança era... um robô!/ não parecia gente de verdade./ Um bebê nem quente nem fofo, que estranho!/ A pele: fria e fina chapa de estanho./ Da cabeça lhe saíam antenas e fios./ E ele ficava largado, sempre com olhos parados,/ Nem morto nem animado./ Quando até a tomada um longo fio elétrico se estendia,/ Este era o único momento do dia/ Em que ele ficava cheio de energia.*

*O senhor Silva não conteve os berros: "O doutor não cometeu um grave erro?/ Nem sangue nem carne tem o menino,/ Mas é uma simples liga de alumínio!"*

*O doutor, gentil, lhe respondeu:/ "O que vou lhe dizer/ Pode parecer extravagante/ mas o senhor não é pai/ Desse garoto mutante./ Veja bem, a questão não é simples? E requer investigação profunda, mas achamos que o pai dele/ É o forno microondas."*

*Agora a vida dos Silva/ Tornou-se um fardo pesado./ A senhora odiava seu marido,/ E ele já não se via mais casado./ Não perdoou a esposa por aquela/ ligação mesquinha:/ A união carnal/ Com um aparelho de cozinha.*

*Apesar de tudo, o menino cresceu/ E se tornou um robô jovem/ Mas muitas vezes ainda o confundem/ com a lata de lixo da garagem."<sup>56</sup>*

---

<sup>56</sup> Burton, T. - O triste fim do pequeno menino Ostra & outras historias – Girafinha, 2007, p. 15, 17, 19.

O humor está justamente na desgraça em que o outro está vivendo, se for analisar a história nua e crua, ela é de uma violência tal que, se não dermos risada, choramos. O menino não foi reconhecido como sendo um sujeito autêntico, o que lhe tirou as possibilidades de ser, e a metáfora que estaria nesta sensação de não ser nada é, que, apesar de ter crescido, ele continua sendo confundido com uma lata de lixo.

Quanto maior a desgraça que acontece com o outro, parece ter mais graça, isto poderia ser uma maneira de expressar o alívio de não ter sido com nós mesmos, ou então, para aliviar a tensão que a história traz. O desconforto faz com que o corpo se reorganize, não importando a maneira, e uma das maneiras de fazê-lo seria o riso. Damos risada pelo alívio de não ter vivido tamanha desgraça, coisa que talvez nós mesmos não suportaríamos viver. Só podemos rir, sabendo que a personagem vai sobreviver àquilo e vai poder contar para as outras, pessoas. Assim como, “South Park”<sup>57</sup>, quando a personagem Kenny era morto com mortes bizarras, e que isso acontecia em todos os episódios da série.

---

<sup>57</sup> Animação para adulto, que fora transmitido no canal de televisivo MTV nos anos 90 aqui no Brasil.

## Capítulo VI

### Rituais

Os rituais sempre tiveram grande importância. Hoje, muitos se perderam e outros se transformaram. Os ritos de passagem marcam não somente a pessoa no concreto mas no imaterial.

A importância do rito de passagem não é significativa apenas para o super-herói, mas para todos nós. Demarcar as nossas fases, as estações do ano, saber em qual época nasce o morango, cereja, pêra, abacate entre outros, é estar mais ligado à natureza e respeitá-la mais. Saber que nós fazemos parte dela e que não somos alheios a qualquer coisa que acontece. Ter os ritos é estar em contato com o momento de sua vida atual, é ter consciência de que tudo tem um fim e um recomeço. A primavera começa dando as flores para os frutos, o verão invade com seu calor aquecendo os corpos mornos da primavera, seguindo para o outono, época que as folhas caem (típica paisagem que nós acabamos não percebendo muito, mas tem algumas árvores que perdem as folhas). Por fim o inverno, o frio, a decadência, a solidão, para alguns o gelo. Depois de todo inverno, por mais rigoroso que seja, vem a primavera novamente, desgelando, abrindo a vida, fortalecendo para o verão, para o outono, para o inverno, que segue pela primavera.

São fases do ano, são algumas datas, assim como o carnaval, ou páscoa, ou natal, ou festas juninas. Temos todas estas datas, mas o que elas realmente significam?

A criança quase não tem mais rituais de passagens, a não ser a formatura. Ganha-se um canudo, dizendo que ela passou por aquela fase. Fico pensando, que sentido isso faz para a criança? Fazemos uma festa para dizer que ela conseguiu concluir um ano de vida com a sabedoria e experiências que ela conquistou durante aquele período. Dá-se um objeto que não tem sentido, talvez haverá mais para frente, quando ficar mais adulta, e para os pais que já possuem ou tem o sonho de ter tido um diploma. Isto mais do que aproximar da criança, colocando objetos de passagem que não pertencem a ela, então isto pode ser visto como um não respeito ao momento dela. O que se passa na cabeça dela quando se faz uma festa e ela recebe um diploma? Em que instância mais íntima algo disto remete a ela? Poderia ser um ritual de passagem, mas passagem de onde para onde? Na oitava série, no colegial, tem um sentido de passagem, de fundamental ao médio, que também é discutível. Na Universidade fica mais claro a passagem, o caminho para a independência é marcada pelo ritual da formatura.

A criança, de certa maneira, tem mais contato direto com o que a cerca, sem os pré-conceitos dos adultos e de pessoas mais velhas. O adulto a tira do meio natural para colocá-la num meio artificial, privando-a do contato com a natureza. A criança se transforma em “mini” adulto, deixando de ser crianças, deixando sua natureza livre e espontânea para a “pedritude” dos adultos modernos.

O rito não é apenas juntar as pessoas no dia 25 de dezembro e desejar feliz natal, mas fazer a vivência, para quem acredita, o caminhar dos reis magos no presépio. Ou então a saudação da deusa Beltane, que é vinda da primavera, pelos celtas, ou o Sabbath dos judeus, do último dia de descanso de Deus. Normalmente, os rituais são relacionados com a religião, porém não estão presentes somente nela.

Onde foram parar os rituais? Alguns prevalecem, mas qual é o entendimento que se tem deles? Bom, não tentarei responder, pois este não é o meu foco problema, mas é algo que penso ser importante perguntar.

Alguns rituais ficam dissolvidos no dia-a-dia, o tempo vai passando e não fica muito claro para o individuo, a passagem de criança para adolescência e para a vida adulta e, depois, para a velhice. Não há rituais que marquem isso, como acontece com os Índios, ou outros povos que deixavam marcada a passagem da infância para a fase adulta. Sem o ritual o individuo fica sem parâmetros, sem algo para dizer que por um determinado momento, ele deixou de ser criança, ou jovem, adulto, velho. As mulheres, não todas, mantêm, a festa de quinze anos, que significa a maturação da menina para ser mulher, mesmo que a maioria nacional só a irá reconhecer com seus vinte e um anos.

Podemos ver alguns rituais que permanecem, ou que substituem outros. Um deles seria os trotes das faculdades; eles seriam a passagem para a vida universitária, marcando um momento, de mudança em sua vida. Porém, este ritual, muitas vezes, é feito de maneira violenta e grotesca. Em muitos casos, seria muito parecido constituindo-se em provas de aceitação, ou de libertação. Estas provas podem ter conseqüências desastrosas, dependendo da maneira como são feitas e o propósito daqueles que estão recebendo ou “fiscalizando” o individuo no processo de passagem. Poderia fazer um paralelo com os ritos de passagens que envolvem provação, numa comunidade indígena, quando a criança sai para caçar e só pode voltar quando conseguir a caça assim se tornando um adulto. A criança se sente pressionada para conseguir ser aceita no grupo e se tornar um adulto. Neste momento atual da história, muitas vezes, a aprovação do próximo é através da ingestão de álcool, algumas vezes acontecem desnecessárias humilhações.

Um ritual que permanece, mas que esquecemos da importância é o ritual de dormir, preparar se para deitar e entrar no mundo dos sonhos. Se não houver o ritual, a pessoa pode demorar para dormir, ou simplesmente não dormir, assim como acontece em algumas festas,

que podem durar longo período. Já se sabe que o sonho é algo necessário para a saúde psíquica humana.

A rotina acelerada que se vive nas grandes cidades faz com que cheguemos acelerados, excitados em nossos lares. Muitas residências possuem televisões e alguns videogames também. A televisão é uma máquina excitante, pois ela estimula o cérebro por meios de imagens e sons, o que pode dificultar o adormecer de cada um. Penso em momentos que se assiste a um filme de ação, este deixa os músculos e a mente excitada, e para a pessoa dormir ela precisa se desligar do filme para acalmar, porém, muitas vezes isso é muito difícil, assim como as crianças que vêem filmes de terror antes de dormir, muitas vezes não conseguem dormir, pois estão com medo da personagem tenebrosa que acabaram de ver.

Colocar uma criança para dormir é justamente deixá-la mais calma e confortável, para que a excitação diminua. Por vezes, o conto de fadas tem essa função, apesar de ser um estímulo auditivo e mental é diferente das televisões no sentido da forma de excitação. A criança pode ter medo da situação dos contos de fadas, porém é algo que ela imagina, está dentro dela e não algo que pode pegá-la realmente, apesar de terem o bicho papão, ou a bruxa, ou o monstro do armário; a maneira como ela verá isso é diferente.

O ritual para dormir é justamente o momento em que a pessoa vai se acalmando e alterando seu estado de consciência. Neste estado, ela consegue relaxar o corpo e a mente consegue limpar, como se fosse o processo de desfragmentação que acontece no computador. Uma mente sem a reorganização do dia-a-dia, seria uma mente confusa. Os arquivos, os acontecimentos, as informações recebidas durante o dia estariam desorganizados, em lugares inadequados. O sono seria muito parecido com arrumar o quarto, depois de chegar de viagem; o mesmo se dá no computador, quando ordenamos desfragmentar a HD.

Os rituais são de extrema importância, precisamos deles para nos organizarmos, para dar sentido ao que vivemos, e sem ele podemos nos perder num lugar vazio sem sentido, sem vida.

## VI.1 O mundo dos sonhos

Depois da alteração do estado de consciência, a pessoa deixa o mundo acordado para entrar no mundo dos sonhos. O sonho seria um mundo onde podem acontecer muitas coisas, desde coisas simples como cozinhar, até coisas violentas, como ser cozinhado e comido. Cada linha teórica verá o sonho de uma certa forma, interpretando diferentemente seus conteúdos.

Em Sandman<sup>58</sup>, o mundo do sonho tem um espaço físico, se assim podemos chamar, mas tem um espaço que nós não conseguimos alcançar com nossas mentes acordadas, despertas, em situações que exigem muito de nossa atenção, para fugir, ou para apreender algo. Nele há coisas, objetos, conteúdos que todo mundo pode ter contato, desde uma simples cadeira, que para cada um terá um sentido, até personagens fantasiosos.

Ao entrar no mundo dos sonhos perdemos o controle, deixamos de controlar nossas mentes, nos distanciamos do mundo externo, apesar de conseguirmos por vezes manipular o sonho. Pensando em psicanálise, a manipulação do sonho é uma defesa das mensagens que o sonho traz do inconsciente. Quando acordamos, ou tentamos modificar uma parte do sonho este é um movimento defensivo de alguma metáfora que tentamos olhar em nossas vidas naquele momento.

O sonho para a Psicanálise é muito importante pois através dele, pode-se entender algumas mensagens que a instância chamada inconsciente está mostrando para a instância mais consciente, para que haja um entendimento da situação de vida psíquica e física em que a pessoa está vivenciando. Do ponto de vista psicanalítico, todos os sonhos são realizações de desejos infantis, e mesmo os sonhos de angústia revelam isso. O desconforto é causado pela censura ao desejo, já que grande parte deles é censurado, recalcado, interdito, por não poder ser realizado à luz do dia.

Sandman o homem da areia, *"é uma referência mitológica encontrada em várias culturas. Uma referência consagrada é a dinamarquesa, através de um conto de Hans Christian Andersen, chamado Ole Lukoeje (ou Olavo fecha-olhos). Esse personagem, de contos infantis, é uma figura mitológica que sopra areia nos olhos das crianças para que elas durmam"*<sup>59</sup>(wikipedia). Ele é quem decide se a pessoa vai dormir ou não, se vai sonhar ou não. É ele quem coordena os sonhos.

No mundo dos sonhos, tudo pode acontecer, essa palavra pode nos levar a significados bem diferentes. Um deles se dá no ato de dormir, na maneira do corpo de reorganizar e abrir espaço para coisas novas. A outra possibilidade seria o que nós chamamos de projetar no futuro, que seria uma fantasia do que pode acontecer, melhor dizendo, o que desejamos. Temos também os devaneios, que são imagens que nos tiram de uma certa situação, podem ser angustiante ou não, uma fantasia, imagens produzidas quando estamos acordados, que podem estar ligadas às coisas que já aconteceram, ou pequenos insights.

Como nos quadrinhos de Neil Gaiman, na revista Sandman (entre 1987-1996, publicações Vertigo), que conta a história do Senhor dos sonhos e de seus irmãos Perpétuos.

---

<sup>58</sup> Personagem criado por Neil Gaiman nos anos 80, é a história do senhor dos sonhos e de seus irmãos perpétuos. Publicado no Brasil pela editora Vertigo.

<sup>59</sup> Wikipedia, dicionário eletrônico.

Assim como os Deuses, os Perpétuos que são: Morte, Sonho, Destruição, Desejo, Despero, Delírio e Destino, eles fazem o que fazem por serem eles.

Eles são personagens bem humanos até certo ponto. Por exemplo, a personagem Morte vem ao mundo e vive uma vida por um dia, para lembrar-se de como é morrer, ou melhor, como é viver (Mini série: “*O preço da vida*”). Ou a renúncia de Destruição de seu cargo, o que gerou conflitos entre a família, parecendo ignorá-la por completo até de reuniões familiares.

O comportamento de Sandman se assemelha ao comportamento de um adolescente. Sua história se mistura com alguns fatos do Deus grego, Morfeu, que tem habilidade de metamorfosear-se em humano ou qualquer outra forma, o deus do sonho.

Seus atos, por muitas vezes, são atos impensados. Assim como os dos Deuses gregos. Um pedaço da história que gostaria de relatar, acontece depois que “Nada” nega o amor de Sandman e se joga de um precipício. Ele bravo com a desfeita, não permite que ela tenha uma boa morte, manda-a ao inferno e lá ela permanece.

Depois de eras, Destino reúne a família. Todos estavam presentes com exceção de Destruição que está distante da família. Após discutirem sobre Nada no inferno, Sandman resolve resgatá-la. Nunca tivera remorso de ter mandado Nada para o inferno. Antes de partir para esta aventura, ele aparece para uma terrena (humana) que teve um filho dele, através do sonho, e dá o nome da criança para a mãe, que não sabia que nome dar, pois era uma criança especial. Estava tentando resolver um pouco do que ele não resolvera no passado.

Para recuperar Nada do Inferno, ele precisa se confrontar com o seu senhor do inferno, Lúcifer. A mais poderoso de todas as criações divinas.

Há uma tensão, pois Lúcifer jurou vingar-se de Sandman pela humilhação perante os seus súditos e a dele mesmo, depois de lutar contra o perpétuo.

O Perpétuo não sabe como essa história vai acabar. Prepara-se como se nunca mais fosse voltar.

Ao chegar ao inferno, Lúcifer lhe dá a chave do Inferno e vai embora deixando o Inferno aos cuidados de Sonho. Essa foi a vingança dele. Agora, além de resgatar Nada, ele teria que encontrar um sucessor de Lúcifer, pois a descida dele para o Inferno deixou o equilíbrio entre vivos e mortos sem controle.

Sonho segue seus desejos, mesmo que estes possam causar problemas futuramente. Ele não reflete muito em suas ações, ele não precisa, ele é puro ato.

Por fim, liberta Nada do Inferno e seu segundo passo é controlar o caos que ele mesmo causou. O caos do sonho no Inferno. Todos sonhando ter o Inferno para controlar. Entidades tentam enganá-lo, tentam seduzi-lo, mas ele parece ter já escolhido aqueles que deveriam comandar o Inferno. Anjos.

Neste meio período, o mundo dos vivos e dos mortos, das alucinações, dos desesperos, dos desejos se mistura pelo ato de sonho querer invadir o Inferno a qualquer custo, não se importando com Lúcifer ou com os outros.

Além disso, pensando na palavra Sandman, podemos perceber outra palavra embutida nela, Sadman. Com sua aparência gótica, seu ar sombrio, sua melancolia, sua eternidade solitária. O Homem triste, este seria o sonho, sempre solitário na sua existência. Muitas vezes, ele vai se modificando (Morfeu) e participando dos sonhos, ou até engravidando alguém pelo mesmo, na tentativa de se tornar menos solitário e triste. Apesar de seu reino ter de tudo, ele não possui uma coisa a Alegria.

## Capítulo VII

### Mídia e Violência

Outra questão refere a violência presente na mídia. Quando se escuta está frase, todos pensam com obviedade, pensam em quantos programas de violência, em como a violência tornou-se centro de alguns programas, pensam no mega show que foi a questão de queda das torres gêmeas nos Estados Unidos da América. Tenho vivas as lembranças, como se fosse ontem. Todos os canais de televisão relatando sobre os acontecimentos, apenas para ter audiência. Consumimos. O que acabou gerando um mal estar generalizado, deixando as pessoas paranóicas, no sentido de questionar todos que estavam à sua volta; isso ocorreu em todos os cantos do mundo de uma forma ou de outra. O avanço da tecnologia faz com que os fatos que acontecem num canto do mundo sejam transmitidos em outro, em tempo quase real, o que é assombroso, porque essas notícias entram nas casas de cada pessoa, sem que elas queiram, ou reflitam sobre a aceitação de assistir, aqui ou não. A violência, ou os atos violentos, do mundo entram sem pedir licença e sem ter um fim definido em cada um. Pode-se ver recentemente a questão dos zen budistas que são atacados e atacam; para dizer a verdade as informações vão variando, dependendo da perspectiva de quem fala.

As notícias vêm e vão, sem tempo suficiente para a reflexão; não se tem tempo para colocar em nosso espelho interno, para se entender o que significou, para digerir todas as desgraças do mundo. A violência vai além do espetáculo televisível, ela se encontra, na verdade, na maneira como eles organizam a programação, não dando tempo para as pessoas se apropriarem de todo aquele conteúdo, fazendo sempre uma seqüência de notícias boas intercaladas com notícias ruins. Não se dá tempo para que as pessoas sintam e reorganizem internamente o que viram e receberam. Com isso, pode-se perceber uma desensibilização à violência e ao outro. Ou então pode acontecer de que todos estes conteúdos, jogados no interno de cada um, sem uma digestão dos mesmos, voltam-se contra a própria pessoa, sem que ela perceba ou faça a ponte entre os acontecidos, surgindo por vezes complicações psíquicas, como por exemplo a síndrome do Pânico. Assim como Zeus tentou engolir tudo sem digerir todo aquele conteúdo, causando uma sobrecarga, impossível de ser assimilada, mesmo para um corpo divino, não suportando e expelindo, afinal, tudo para fora. Não somente o corpo, mas a mente humana tem um limite de coisas que consegue suportar. A sobrecarga do corpo, não causa apenas náuseas e mal estares, mas uma explosão interna também.

Exemplo disso atual seria o caso da garota que foi jogada de uma janela de um prédio

por adultos, que deveriam ser aqueles que seriam responsáveis pelo desenvolvimento da mesma, porém algo aconteceu e esse processo se interrompeu. Devemos olhar sim para este fato, porém penso ao mesmo tempo que aqueles que usurparam deste fato também cometeram uma violência tremenda não somente nos familiares, mas numa sociedade como um todo. Vejo também os repórteres e policiais colocando de tal maneira, que gerou desconforto generalizado. Eles se colocam como “santos” e o casal em questão como o diabo encarnado. Esta notícia afetou as pessoas de muitas maneiras, desde os pais que começam a se temer perante a criança e seus limites, querendo assim achar uma explicação, que muitas vezes não condiz com o acontecimento. Já as crianças que começam a ter medo de serem jogadas pela janela pelos pais, por aqueles que deveriam dar proteção.

A mídia vende o peixe dela, mas não reflete sobre as conseqüências que isso tomará. Qual sociedade consegue se organizar sem a confiança no próximo, no ideal comum? Todos temem todos, a violência, entrou e destruiu muitas vidas, e é neste momento que as pessoas adoecem. Aqueles que não conseguem digerir toda a violência transmitida pelos canais televisivos, ficam enfermas; estas violências podem deixar seqüelas tanto nas crianças, que podem ou não conseguir dormir por medo, ou ter pesadelos, quanto nos adultos, que passam a temer a si próprios e a seus impulsos.

*“É preciso que as violências passadas estejam, de alguma maneira, encarnada na vítima emissária, é preciso que já existia uma espécie de transferência coletiva que faça temer o retorno à força, desta vítima, na vítima vingadora que une todo grupo em torno de uma vontade comum de impedir esta experiência terrificante”.*<sup>60</sup>

Quando não trabalhada a violência, as pessoas passam a temê-la assim como os desejo que nunca tiveram, ou que o desejo já havia sido instalado pela culpa no inconsciente, apesar por pensar na possibilidade de.

O que se vê é uma contaminação coletiva da subjetividade, como se a massa agisse sendo um único corpo. Além do mais, há uma questão da identificação de cada indivíduo com o movimento do grupo. Muitas vezes, ficando disfarçado e diminuindo a aparente responsabilidade do ato, os grupos perdem o controle quando são de alguma forma ameaçados, por outros grupos diferentes.

Coloco esta questão sobre os programas de televisão, mas questiono outros meios de comunicação, como a Internet e a rádio. Não sei dizer o quão é saudável as diversas

---

<sup>60</sup> Costa, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, editora Graal, p 61

mensagens, ou mesmo as conversas neste meio. Perdeu-se muito quando a carta foi substituída pelo e-mail. A lógica da economia entra nas frases, não apenas pensando que se economiza com papel e caneta, mas passou-se a economizar letras, num espaço que deveria ter mais descrição, uma vez que não é cobrado por peso, ou quantidade de letras. É algo a se pensar, não sei a que ponto pode seguir, não sei se é bom ou ruim: para muita gente, significa conversar com pessoas do mundo inteiro, mas a instantaneidade faz com que se perca a sensação de espera. Passamos a querer imediatismo e para que isso? Exigimos do outro e de nós mesmo escrevermos o mais rápido possível para diminuir a própria ansiedade. Penso se isso também não é uma violência, pois quando se escreve uma carta, nós nos colocamos nela, mudando a caligrafia dependendo do estado psíquico-emocional. Já no e-mail, pode-se escrever o que for, que nada muda, pode-se fingir, pode-se criar o que não existe. Este fato tem muitas variáveis que influenciam na análise e como não é minha meta a virtualidade em si, mudo de assunto, mas é algo a se pensar, até que ponto não há uma violência na virtualidade em contraposição com a realidade. Um lugar em que se pode ser qualquer pessoa, mesmo que não a seja, mas onde cria-se mais um personagem, mais uma máscara, mais um meio de socialização, mas será que isso aparece na realidade, ou fica apenas na virtualidade, no mundo em que supostamente se pode ser perfeito?

## VII.2 A violência está aonde? No adulto, ou no objeto?

Podemos perceber uma certa violência nas histórias infantis, nos contos de fadas, Bruno Bettelheim vai falar em seu livro, *A psicanálise dos contos de fadas*,

*"Ao longo dos séculos (quando não milênios) durante os quais os contos de fadas, ao serem recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, eles passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e latentes - passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ineducada da criança tanto quanto a do adulto sofisticado".<sup>61</sup>*

---

<sup>61</sup> Bettelheim, B. - *A psicanálise dos contos de fadas*, Paz e Terra, 2007

A historia parece ser muito simples, os fatos estão relatados, porém terá duas visões diferentes para o mesmo objeto de mundos diferentes. O adulto com todas as suas defesas bem organizadas e estruturadas, ouve a historia e pensa: "nossa que violência, talvez eu não conte esta história para o meu filho" e a criança terá a percepção diferente deste adulto cheio de defesas. Tenho escutado umas versões de "atirei o pau no gato" em que as pessoas que educam e ensinam esta músicas, estão modificando a letra, para que se torne menos violenta e mais feliz. Fico a imaginar quais serão as conseqüências deste ato. O medo do adulto de dizer coisas violentas às crianças, é justamente uma tentativa de protegê-la do mundo real, que não é composta apenas de coisas boas, mas não tem como a criança não entrar no mundo, sem passar pela vivência da violência. Dependendo de quem olha ela pode estar em todos os lugares. Estamos violentando nossa cultura ao mudar estas letras e não estamos respeitando as crianças achando que elas não as podem suportar porque alguém não suportou e mudou a letra da música. Estamos privando a crianças dessa experiência.

## Conclusão

A violência é algo que permeia a existência humana como um todo, ela será vista de uma determinada maneira, conforme o contexto histórico no qual a olhamos, pois isso varia devido as leis de uma determinada sociedade e cultura. O que poderíamos ler como algo extremamente violenta nos livros de história, para o momento, poderia ser a única solução e significar a maneira como aquela sociedade vive e convive com o assunto em questão.

A sociedade, atual, parece se perder em meio a violência, não sabendo como lidar, e não percebendo o quando aquele que se sente violentado, também violenta. Ao contrário de outros tempos, este, atual, traz questões sobre violência de outros aspectos que dos anteriores, desde como ela aparece e como é transmitida, que parecem sem muito sentido. Anteriormente, havia um objeto muito claro, sendo ele um inimigo, um monstro, um duelo, hoje penso que se perdeu esse objeto e a violência e a agressividade explodem de maneira aleatória deixando as pessoas assustadas e perdidas no meio de tudo isso.

Porém, muitas violências podem ocorrer sem que as pessoas percebam, que se dêem conta por não estarem mais sensíveis àquele tipo de violência. Outras não são vistas socialmente, como as violências internas, aquelas que a censura interna selecionam para “proteger” a constituição do sujeito, para que este não desmonte perante aos impulsos e desejos.

Durante o trabalho, fui apontando e me questionando sobre a maneira como eu encaro a violência e como eu desenvolvo-a comigo mesmo. Questões como: o que fazer com a violência quando ela nos é dita? Isto foi me incomodando conforme o desenvolvimento deste trabalho. Uma vez que, dependendo de como a pessoa fala da violência que sofreu ou que cometeu, ela pode colocar-se e colocá-la de tal maneira que a violência, não é o fato em si, mas é justamente de como é direcionada para quem escuta, ou seja o modo como cada um se expõe, a violência toma outros âmbitos, além da história em si. Esta violência pode ser o ato ou uma falta de envolvimento do outro na tragédia<sup>62</sup> pessoal.

Uma das questões que permaneceram em minha mente é a da possibilidade da humanidade viver sem a violência em todos os sentidos. Pensando que, aparentemente, nem os próprios deuses realizaram este feito. A princípio, eles podiam tudo, mas esse tudo tinha um limite: o outro deus. Fazer algo que o outro deus não permitisse era uma afronta para o mesmo. Com isso, fico pensando na frase: “Diga não a violência”. Entendo que a intenção é para a

---

<sup>62</sup> Tragédia, no sentido mais amplo da palavra.

diminuição de uma certa violência. Como a palavra violência abrange uma gama grande de sentidos, o negá-la é justamente, tentar trancar questões que são humanas, que muitos pensadores se colocaram a pensar para tentar entender se o ser humano é bom ou mau por natureza. Aqui acredito que não me importo muito com esta questão, pois sendo ele bom ou mau, a violência está presente mesmo assim. Não é fechar a porta de casa, tampar os ouvidos, fingir que nada nos atingem, pois ela está presente em muitos momentos da vida cotidiana. Para testar isso, basta dirigir o carro para perceber o quanto as pessoas estão agressivas no trânsito, sem se importar com o outro, com seu espaço corporal falsamente ampliado.

Voltando para a frase citada, ela me parece estar incrustada em nós, a tal ponto que todos parecem estar anestesiados e negam o que sentem, ao ver uma situação violenta na televisão, como se fosse uma banalidade. Isto aumenta até o ponto do insuportável, que talvez apareça como uma internação, um braço quebrado, uma doença que nos impossibilita de fazer qualquer outra coisa que não ficar de cama, paralisados.

Uma outra questão que também foi aparecendo no desenrolar das letras, foi voltada à violência vivida através dos vídeo-games, apesar de aqui não ser o foco, me veio a seguinte interrogação: Seria um estímulo a violência esses jogos que contêm violência? Acabar ou conviver com ela? Para muitos os jogos devem ser condenados, pensando que a cada dia os jogos vem sendo desenvolvido no sentido da diversão apenas, ou seja, ao invés de ser a arte pela arte, é o lúdico pelo lúdico, o que não é um problema a priori, porém é tem como fundo sedutor o se fechar no ludico, que muitas vezes é consigo e não com o outro. Mas será que isso é real quando se pensa em psique? Isto me faz refletir sobre afirmações de que garotos cruéis ou maus, são “motivados” a praticar o mal pelas bandas de músicas que cultuam uma pose de maus, e não por fatores outros de questões relacionais. Seria como queimar as bruxas nas fogueiras para não olharmos para os nossos atos.

Voltando à questão do vídeo game, acredito que o grande problema é o tempo que as pessoas gastam jogando, ao invés de estarem com outras pessoas, mas acredito que isso é uma opinião minha, eu entendo que tem o lado positivo dos games que é o “relaxar” (esquecer dos problemas mundo à fora, não pensar em nada).

Poderia levantar mais questões, como o prejudicar o olhar, hiper estimulação visual, penso que se pode formar o que o Reich chamou de couraça ocular, isso prejudicaria muito as pessoas, pois nós usamos muito a visão, estressamos esse órgão, mas não somos acostumados a descansá-los, deixando-os exaustos<sup>63</sup>. O foco visual permanece apenas em um

---

<sup>63</sup> Pensando nos anéis do Reich.

ponto, o que pode causar um enrijecimento do olhar, atrofiando-o e pouco desenvolvendo também os outros sentidos básicos.<sup>64</sup>

Outra coisa que me vem é se existe uma consciência do coletivo. Seria uma consciência ou apenas o que chamaríamos de identificação com a situação de um terceiro? Penso, que, se há uma consciência coletiva, também deveria haver uma cegueira da massa, um ponto cego que o coletivo não consegue acolher, dar ouvidos, o que torna mais complexa esta questão, como se cada grupo que se formasse, tivesse coisas não ditas que fazem com que o grupo se paralise. Pensando um pouco melhor penso que isso é o que acontece num grupo que procura ajuda de profissionais como os psicólogos. Estou pensando em famílias, que trazem questões, as quais não conseguem identificar e se apropriar, que pode ser de ordens diversa. E por que não trabalhar neste sentido, e trazer à consciência coletiva esse lapso do coletivo, essa cegueira, aquilo que não é dito de forma explícita, ou claro o suficiente, para que a palavra circule no grupo. Refletindo melhor, penso que os escritores fazem um pouco disso, se apropriam de algo que todos estão pensando, ou já se pensou, mas nunca se dispuseram a escrever, materializando este “inconsciente” da coletividade, ou seja, dar sentido o que na coletividade não está conscientizado.

O humor está presente nas violências de diversas formas, melhor dizendo, a violência está presente no humor. Não abordei esta questão, pois isso foi me aparecendo como um item para se pensar, coisa que nunca tinha me ocorrido, e acredito que não teria como esgotar tudo sobre o assunto em tão pouco tempo. Começo a pensar na frase: “se não for cômico é trágico”. O ser humano precisa da violência para poder sobreviver, tanto fisicamente quanto psicologicamente. Assim como o cômico, a personagem sobrevive às violências, pois, se, por acaso a personagem não sobreviver, como acontece em “Ponte para Terabitia”<sup>65</sup>, será trágico, sentiríamos muito pela personagem que perdeu algo de precioso. Caso, após tanta tragédia, todos sobrevivessem sem uma seqüela, riríamos do final. Ou, quando a protagonista do livro “Nunca lhe prometi um jardim de rosas”<sup>66</sup>, deixa a perna esticada para que as pessoas tropecem, e quando isso ocorre, afirma que não era culpa dela, pois a perna já estava naquela posição. Provavelmente todos saíram inteiros no desfecho da história e isso torna a violência cômica, pois ela cria toda uma explicação para justificar a violência, premeditada, que ela efetua.

---

<sup>64</sup> Visão, paladar, escuta e tato.

<sup>65</sup> Livro de Katherine Paterson ou filme baseado no livro. Contam a história de um garoto e uma garota que se conhecem após a garota se mudar para o interior. Conforme a convivência vai unindo os dois, a amizade cresce com a criação de um mundo de fantasia chamada Terabitia. Porém algo acontece e ele perde esta amiga e por um tempo se culpa pelo acontecido.

<sup>66</sup> Green, H. – conta a relação de uma terapeuta com sua paciente psiquiátrica.

Pensar também como é visto o humor e como se valoriza este humor, pois muitas vezes ele pode aparecer como uma fuga de assuntos que são difíceis de serem ditos, mas também vejo como sendo uma maneira de se trabalhar tais conteúdos. Uma maneira genuína de se enfrentar esta questão, que é tão difícil de ser expressa.

Algo que me incomoda é que tudo fica apenas no discurso de como as coisas são violentas, mas não conseguimos quebrar o ciclo, pois ela nos comove, nos paralisa e nos leva junto com ela. Nossas ações parecem mais ínfimas, pois cada pessoa é uma e cada indivíduo vivência uma situação de uma maneira que lhe é própria. Ou seja, não tem uma fórmula mágica, ou um remédio milagroso que vai extinguir a violência, mas é essencial escutá-la e entender o sentido pelo qual ela se manifesta e da maneira como manifesta. Assim pode-se dialogar melhor com ela, para que não fique apenas como um ataque pessoal, ataque ao ego, ou uma situação incontestada.

Pode-se entender que a violência da mídia não é apenas o que ela transmite, as reportagens e filmes, mas em muito se dá da maneira como é feita a transmissão. Como a programação é organizada, para que o produto que eles querem que seja visto possa ter mais lucro, seja filme ou reportagem. Acredito que há maneiras e maneiras de se editar e transmitir as notícias para as pessoas, porém é feita da maneira como é para os pontos de audiência. Inclusive os programas sensacionalistas que exploram essa maneira cruel de expor a questão da violência, como se ela nunca tivesse existido e como se tudo hoje fosse mais violento do que as gerações passadas. Assim como a sensação de proteção que muita gente tem, a ideia da época militar do Brasil. Pode até ser que fosse mais seguro andar nas ruas, que o país seguia uma direção apenas e o desenvolvimento se deu pelos preços que pagamos até hoje, mas temos que pensar o quanto as pessoas não podiam dizer o que queriam, ou pensavam, se fosse contra as ideias do grupo governante. Isso não ocorreu somente no Brasil, e nos países ditos capitalistas, mas em todos os países que tinha um governo centralizado e autoritário. A livre expressão era vetada, talvez possamos relacionar com a qualidade musical desta época para essa atual, que tudo pode. Fico sem uma saída, pois em ambas as épocas tem coisas boas e coisas não tão boas, porém, parece que ficamos reproduzindo, justamente aquilo que não é bom, do autoritarismo à vulgaridade musical de nosso país, sendo que ambos estão falando de violência de certa maneira.

Uma questão que eu acho importante também é pensar a origem da violência, o que ela traz consigo? O que ela nos mostra e porque normalmente não conseguimos olhar para ela.

A violência da desconsideração à cultura popular, aos rituais de passagem, ao sentido destas datas, que organizam os sujeitos para estar em contato com momentos importantes de sua existência, no sentido de estar em contato consigo mesmo. As mudanças de status

cronológico, até com a natureza, saber quando é época de morango, fazer sentido esperar para a época de comer as frutas da estação e não aguçar imediatismo, que tanto nos seduz.

Ao rever o filme do “Super-Homem, O retorno”<sup>67</sup>, uma situação me remeteu a algo muito grotesco, no momento que o Super-Homem chega à ilha que o Lex Luthor cria a partir de Kriptonita e cristais. Neste momento, o Homem de ação perde a força e volta a ser um mortal, deixando de ter todos os poderes que normalmente possui. Com isso, os vilões o agridem; esta cena é assustadora, pois vemos aquele que para todos é invencível e que nunca sentiria impotência nenhuma, pedindo para que parassem com aquilo, que ele, apesar de não ter a força, continuava sendo o Super-Homem. Isso me lembra a questão da desconsideração do indivíduo, claro que somente esta cena pode levar a outras possibilidades de análise, a questão da impotência que carregamos, ou a maneira como o outro se aproveita da impotência alheia, ou como a mente (Lex Luthor) encarna o corpo (Super-Homem). Muitas vezes, percebemos que não estamos muito saudáveis, quando nos encontramos deitados numa cama com o corpo todo dolorido e algumas vezes febris. Seguimos mentalmente até que o corpo se paralisa para se manter vivo. Pensando numa lógica alopática, antes mesmo de ficarmos de cama, tomaríamos alguns medicamentos justamente para impedir de sentirmos o mal estar que nós mesmos nos causamos. Quando isso é feito, nem esse tempo de reflexão temos, pois os remédios impedem o “sofrimento desnecessário”, mas também, não refletimos como fomos para na cama.

Ao meu ver, a cisão do corpo e da mente não deixa de ser uma violência para o indivíduo, pois ele não consegue se apropriar do próprio corpo, que é o que tem de mais íntimo. Fico pensando que quando essa distância entre os dois diminuir, a violência aparecerá de outra maneira, acredito que mais integrada ao indivíduo.

Já os remédios, são necessários em alguns casos, mas não em sua maioria como está aparentemente acontecendo. Seria estranho todas as pessoas precisarem de remédios para continuar a viver mais equilibradamente, inclusive os psiquiátricos. Não seria inconveniente lembrar do conto de Machado de Assis, “O Alienista”<sup>68</sup>, que conta a história de um médico que acreditava que devia separar aqueles que tinham problemas dos que não os tinham. Porém, ele foi percebendo que ao fazer isso, haveriam mais pessoas dentro dos manicômios do que fora dele. Isto lhe causou um estranhamento, e ele foi mudando a sua concepção até que, ele mesmo se encontrou trancafiado no interior do mesmo.

Acredito que escutar o que o outro está dizendo é muito difícil, por isso, que o esforço deve ser maior e, dependendo do caso, trabalhar com outros profissionais para conseguir acolher o caso com mais recursos e da melhor maneira. Essa violência que tirou a pessoa de

---

<sup>67</sup> Filme produzido pela Warner Bros em 2006.

<sup>68</sup> ASSIS, Machado de. Papéis avulsos. Edição eletrônica. S.I., Costa Flosi, 1998.

seu “centro” e que todos não querem justamente escutar, por ser dolorido e instigante ao mesmo tempo, faz nos fecharmos em nós por medo de ser tocado de tal modo que não sobreviveremos para contar a história. Como se a loucura<sup>69</sup> do outro possa suscitar a nossa própria. O outro nos violenta com suas questões e nós a eles, com as nossas, e não querer ouvir não significa não ouvir, mas sim, desconsiderar o que o outro trás e até a si mesmo, pois aquilo nos toca.

Outra coisa sobre a qual reflito é o temor que as músicas infantis trazem a alguns educadores. Com conteúdos violentes, que fizeram parte de toda uma cultura, para que as crianças pudessem cantar para se divertir com a canção. Os adultos se esquecem de quando perceber o sentido real delas e se assustaram achando quase que imoral ensinar tais cantigas. Não aceitando a própria cultura, e todas as violências nela existente, acredito que há uma tentativa de esterilizar<sup>70</sup> esta questão da violência, assim como esterilizar as doenças, fazer que não exista mais doenças, assim neutralizando os pontos fracos da existência humana. Assim penso que a violência se transformou em doença e se assim for o raciocínio acredito que não é por esse caminho que se deve tratar da violência, colocando no outro algo que nos pertence também.

Não é apagado do o que aí esta que vai resolver a questão, não é não olhar que vai fazê-la deixar de existir, não é se esconder esperando que ela não vai te achar. Se as pessoas estão com dificuldades de aceitar a violência, sendo ela explícita, ou não, talvez se devesse entender o porque o ato nos toca tanto a ponto de se querer mudar a letra de uma música como “Atirei o pau no gato”.

Pensando em tudo o que foi escrito, podemos entrar em contato com as violências que tanto nos tocam, sem sofrer tanto, mas sem, ao mesmo tempo, ignorá-la.

No fundo, educar é violentar o outro, pois temos que desconstruir a todo o momento os preceitos que as pessoas possuem, para que elas se abram e possam olhar para o mundo de maneira diferente e mais ampliada. Assim como Platão fala de estarmos numa caverna, e que dentro dela só vemos sombras, e alguns conseguem se libertar, muito provavelmente pela violência, pois a idéia seria de que estaríamos presos e para nos libertarmos das correntes da ignorância, teríamos que nos utilizar da agressividade e da violência. Após se libertar e perceber que havia algo além destas coisas disformes, seríamos convidados e instigados a libertar os

---

<sup>69</sup> No sentido de aquilo que sai do considerado normal, que pode variar desde a doença mental ou uma confusão psíquica, que normalmente se mostra no discurso confuso.

<sup>70</sup> Esterilizar, como uma ideia de purificar, de um ser humano ideal sem doenças, pois a doença é um momento que as impotências aparecem mais claramente enquanto a velhice não nos alcança, assim sem ela, temos uma vida de super-heróis.

outros, que permanecem na caverna, porém, para isso, teríamos que usar da violência, pois a certeza de cada indivíduo estaria presa a uma sombra disforme e que nos confunde.

O ser humano acredita no controle e cada vez mais tenta controlar as coisas, a meu ver incontroláveis. Penso em Chernobyl<sup>71</sup>, hoje, tem-se uma proteção que “esconde” e “protege” os seres vivos da radiação local, porém se sabe que a fusão nuclear ainda não parou dentro dessa proteção, não se sabe que danos o homem causou tentando controlar a energia nuclear<sup>72</sup>. Vejo que a violência também pode estar numa redoma, onde todos querem esquecer-la, não ver, se enganar, mas nunca se sabe o que realmente está acontecendo lá dentro de nós, pois, ao colocá-la numa redoma, não nos permitimos ver a situação, o sentimento, as reações corporais e tudo o mais. É não respeitar a si próprio, é acreditar que ainda somos muito parecidos com os deuses e não aceitamos a nossa humanidade, a nossa fragilidade.

Concluir o trabalho se mostra mais difícil do que pensei, pois responder ou pontuar tudo o que foi dito ao longo do trabalho, exige uma atenção dobrada e neste percurso, lembrei de uma sensação que carreguei por muito tempo, uma sensação de um monstro interno. Como se houvesse um monstro, ou uma monstruosidade querendo sair de dentro de minha pessoa, o que realmente me assustava. Contava isto para todos e eles diziam que não era possível, no sentido de não ter equivalência com a minha pessoa, porém isso foi marcando território e me incomodando.

No desenvolver do trabalho, e ao ler um livro sobre o conto “João de Ferro”, (“João de Ferro - Um Livro sobre Homens, de Robert Bly), que conta sobre o encontro de um menino com o homem natural, aquele que permanece durante muito tempo esquecido ou até desconhecido, entendi que seria como me encontrar com esse “monstro” interno, aquele que é esquecido pela consciência. Aquilo que deixamos de ver para a nossa “sobrevivência” mediana e, que, os poucos que conseguem encarar conseguem, justamente olhar o mundo de maneira diferente, conseguem ir além do que está dado. Tudo isso é um ato puramente racional e fiquei pensando durante um bom tempo o que poderia ser esse homem/mulher natural, que ficou dentro de um lago, que ficava dentro de uma floresta selvagem, que todos temiam entrar porque ninguém que ousou frequentar este lugar vai voltar para contar a história.

Ao mesmo tempo, penso que esse monstro interno seja uma violência que esteja pulsando, não somente para destruir o externo, mas o risco real é a destruição interna da

---

<sup>71</sup> Ficou conhecida nos anos 80 pelo acidente nuclear de seu reator nuclear. Após a explosão, que contaminou grande parte do continente Europeu. Foi construído uma redoma a sua volta para conter a radiação momentânea, porém não se sabe direito os estragos causados pela radiação dentro desta redoma.

<sup>72</sup> Não somente em energia nuclear, mas o seres humanos, passado de respeito religioso para a tentativa de controle total e não respeitando sua própria limitação e a grandiosidade da natureza.

pessoa, se não bem cuidado e olhado; esse monstro pode vir à tona de maneira destruidora, mas também esse monstro pode ser integrador.

Outras coisas para serem refletidas dizem respeito ao uso da mídia, como as questões são transmitidas e mais futuramente, e não tão futuramente, a questão da violência via mundo virtual, Internet. Como poderá se trabalhar esta questão neste meio ao qual qualquer pessoa tem acesso, inclusive com a inclusão digital?

Como esse novo modo de comunicação irá influenciará nesta questão da violência: será que haverá recursos para as pessoas conseguirem digerir tudo isso? Justamente com essa idéia de imediatismo? Do agora? E não do esperar? Que violências novas se criam com essa tecnologia, que pode estar sendo usada de forma boa ou ruim.

Para onde está indo esta questão que muitas vezes, se fecha dentro de cada casa, e, que, quando extrapola para a sociedade, faz com que todos se mostrem horrorizados?

A violência está presente em nossas vidas e muitas vezes, fazemos de conta que não está. Isso acontece por um motivo de sobrevivência psíquica, e, para conseguir entrar em contato com estas questões, precisamos estar no momento certo, pois, caso contrário, podemos nos perder em meio a ela.

Assim, como creio acontecer com muita gente, que aprendeu e foi educado através de agressões físicas. Sendo esta a única maneira de se educar que foi aprendida, não percebendo uma inadequação com o socialmente adequado. Também não podemos julgar, se não mostramos a essa pessoa outras maneiras de se lidar com o outro. A partir disso, mostrar que ela é responsável pelos próprio atos, e ela deve escolher a melhor maneira de se colocar no mundo, mas para isso ela deve entrar em contato com outras possibilidades de enfrentar as situações que a vida lhe traz. Somente após isso, podemos responsabilizá-la pelos atos brutos, mas antes nós temos que dar um passo anterior, que é aprender a escutar. Escutar isso e dar um sentido e abrir novas possibilidades desta pessoa atuar no mundo é fazê-lo se responsabilizar pelos próprios atos, no sentido de ter mais recursos para compreender e atuar e poder realmente escolher qual recurso deseja utilizar em sua vida.

Enquanto, não mergulharmos, estarmos disponíveis para entendê-la e perceber o que ela significa para cada um, continuaremos a repeti-la em nossas ações. Não é negando a violência que se vai terminar com ela, e, penso, que não é possível terminar com ela, mas entender qual o sentido que ela nos abre para que ela deixar de ser um fantasma que paira sobre nossas cabeças e sobre o qual não temos domínio e nem podemos fazer nada, para que possamos focalizar e mudar esta energia para algo construtivo e criativo, para favorecer o desenvolvimento individual e mais futuramente, o coletivo.

Estas "livres associações" contém um fio condutor, que esperamos tocar o leitor e fazê-lo entrar em contato de modo sensível, com o tema aqui trazido ao longo de todo o texto.

## Bibliografia

- MOYA, Álvaro de – História da História em quadrinhos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1993
- ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. – Psicologia e História em Quadrinhos. São Paulo, Casa do Psicólogo Livraria e Editora LTDA, 2001
- QUELLA-GUYOT, Didier – A História em quadrinhos. São Paulo, Unimarco Editora, Editora Loyola, 1994
- CIRNE, Moacy – Quadrinhos, Sedução e Paixão. Petrópolis, Editora Vozes , 200
- ELZA GORENDEZ, Miriam – História em quadrinhos e o gozo do olhar- p@psic. Salvador 2006
- PALESTRA: Ação Cidadã: Atividade em transformação para a inclusão de todos. São Paulo (PUC-SP, PE Pós-graduação em LAEL, COMFIL), 2006.
- VÍDEO: A história em quadrinhos, Canal Cultura, 1993.
- MÚSICAS: A MINHA ALMA (YUKA, Marcelo), ATIREI O PAU NO GATO (Autor desconhecido)
- LACAN, J. – Televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor LTDA, 1993.
- PESQUISA INTERNET: <http://hq.cosmo.com.br>
- WIKIPÉDIA – Dicionário virtual
- BETTELHEIM, B. - A psicanálise dos contos de fadas, São Paulo, Paz e Terra, 2007
- FREUD – Carta a Einstein - por quê a guerra, Obras completas, ed. IMAGO, edição eletrônica, 1933 (1932)
- CALASSO, R. - As núpcias de Cadmo e Harmonia, São Paulo , Companhia das Letras, 1996
- COSTA, Jurandir F. - Violência e Psicanálise, Rio de Janeiro, editora Graal
- INOUE, T. - Vagabond, São Paulo, v 26, editora Conrad, 2004
- QUEIRÓS, Eça de - O PRIMO BASÍLIO, Ciberfil Literatura Digital, 2002
- CAMPBELL, J. - O poder do Mito, São Paulo, Ed. Palas Athenas, 1991
- BURTON, Tim - O triste fim do pequeno menino Ostra & outras historias, São Paulo, Girafinha, 2007
- CLASTRES, P. - Arqueologia da Violência –, Editora Cosac & Naify, 2004
- GAIMAN, Neil - Sandman, Vertigo - 1987-1996.
- GOETHE, J. W. - O sofrimento do jovem Wether, Editora Suzano/ nova Cultural, 2002
- ROBERT, Bly - Um Livro sobre Homens, Editora Campus, 1991
- ASSIS, Machado de - Papéis avulsos. Edição eletrônica. S.l., Costa Flosi, 1998.